



**Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor de Tecnologia
Curso de Arquitetura e Urbanismo**



BRUNO CIDREIRA CIPRIANO

REFUNCIONALIZAÇÃO E RESTAURAÇÃO DO EDIFÍCIO CENTRAL DA UFPR

CURITIBA

2013

BRUNO CIDREIRA CIPRIANO

REFUNCIONALIZAÇÃO E RESTAURAÇÃO DO EDIFÍCIO CENTRAL DA UFPR

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Arquitetura e Urbanismo do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Setor de Tecnologia da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Maria Luiza Marques Dias

Co-Orientador: Prof. Humberto Mezzadri

CURITIBA

2013

Folha de Aprovação

Orientador(a):

Examinador(a):

Examinador(a):

Monografia defendida e aprovada em:

Curitiba, _____ de _____ de 20__.

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho a [...]
Meus amigos e minha família.

Agradeço este trabalho a [...]

*Meus amigos, meus orientadores e todos os que me ajudaram
nessa jornada.*

RESUMO

Esta pesquisa é uma etapa do trabalho de conclusão de curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná. Dividido em duas partes, o TFG (Trabalho Final de Graduação) consiste em um projeto de refuncionalização e restauração do Edifício Central da UFPR. Nesta primeira fase, será elaborada uma pesquisa histórica, conceitual e de estudo de correlatos para fundamentar futuras decisões e consolidar conhecimentos teóricos e práticos acerca do tema, servindo como princípio fundador e norteador da segunda etapa, o projeto em si, a ser desenvolvido futuramente.

Palavras chaves: UFPR. Edifício Central. CAUUFPR. Centro Cultural. Corredor Cultural.

ABSTRACT

This research is part of the graduation project for the degree in Architecture and Urban Planning of the Federal University of Paraná. The graduation project is divided in two parts, consists in a project of restoration and refunctionalization of the Central Building UFPR. In this first stage, will be developed a historical and conceptual research, and case studies analysis to fundament future decisions and to consolidate theoretical and practical knowledge about the subject, becoming a guide and forming the basis for the second stage, the architectural design project, to be develop further.

Keywords: UFPR. Central Building. CAUUFPR. Cultural Center. Cultural Corridor.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA.....	10
1.2 OBJETIVO GERAL.....	11
1.2.1 Objetivos Específicos	11
1.3 JUSTIFICATIVAS	12
1.4 METODOLOGIA DO TRABALHO	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO CONCEITUAL	14
2.1 A UFPR E SUA IMPORTÂNCIA PARA A CIDADE E A SOCIEDADE.....	14
2.2 CORREDOR CULTURAL.....	17
2.2.1 Paisagem Urbana da Rua XV de Novembro	18
2.3 EDIFÍCIO CENTRAL	21
2.2.1 Projeto Original.....	22
2.2.2 Primeira Ampliação	25
2.2.3 A Ampliação da Alfredo Bufren	26
2.2.3 A Ampliação da Rua XV de Novembro.....	26
2.2.4 A Ampliação final.....	30
2.4 CAU UFPR	32
2.5 SETOR CULTURAL UFPR	41
2.5.1 Coordenadoria de Cultura	41
2.5.1.1 Grupos Artísticos.....	44
2.5.1.2 Espaço Cultural	47
2.5.1.3 Espaços Cênicos.....	48
2.5.1.4 Eventos	49
3 ANÁLISE DE CORRELATOS.....	50
3.1 CIDADE DA MÚSICA - PARIS, FRANÇA - CHRISTIAN DE PORTZAMPARC ...	51
3.1.1 Dados Gerais	51
3.1.3 Crítica.....	59
3.2 MILSTEIN HALL - ITHACA, NOVA YORK – OMA	61
3.2.1 Dados Gerais	61
3.2.2 Partido	62
3.2.3 Crítica.....	66

3.3 REESTRUTURAÇÃO DA PINACOTECA DO ESTADO – SÃO PAULO, BRASIL – PAULO MENDES DA ROCHA	68
3.3.1 Dados Gerais	68
3.3.2 Partido	68
3.3.3 Crítica	72
4 LEITURA DA REALIDADE.....	73
4.1 O CENTRO DE CURITIBA.....	73
4.2 IMPORTÂNCIA DO LOCAL	75
4.3 TERRENO.....	76
4.4 CONDICIONANTES LEGAIS.....	80
5 DIRETRIZES DE PROJETO	81
5.2 DEFINIÇÃO DO PROGRAMA	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	85
REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS.....	86
REFERÊNCIAS DE IMAGENS	87

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

A Universidade Federal do Paraná completou em dezembro de 2012, 100 anos de presença na história do Paraná.

O desenvolvimento e os avanços científicos e tecnológicos do Estado se confundem com os da Universidade que, nesse período, cresceu, se consolidou e avançou na produção e disseminação do conhecimento. (UFPR, 2010)

Em comemoração ao seu centenário, a Universidade Federal do Paraná em parceria com o IPPUC, a Prefeitura Municipal de Curitiba e associações comerciais, iniciaram a proposta de um Corredor Cultural em Curitiba.

Concebido no espaço que liga dois dos edifícios mais emblemáticos da instituição, o Edifício Central e o Complexo da Reitoria, o Corredor Cultural tem por objetivo contribuir com um projeto maior de dinamização da vida cultural da cidade, permitindo que as atividades culturais tenham na UFPR uma âncora importante. (UFPR, 2010)

Como parte deste ambicioso projeto, apresentam-se aqui as bases teóricas que servirão de suporte para a proposta do projeto arquitetônico de refuncionalização e restauração do Edifício Central.

O Edifício Central da Universidade com toda sua história simboliza a presença da cultura na cidade, e a certeza de que naquelas instalações o conhecimento estará em permanente evolução e desenvolvimento. Portanto merece um uso de natureza diferenciada.

Neste contexto, e como pressuposto básico da proposta, a atividade didática será mantida no edifício como forma de estimular a dinâmica e o fluxo de pessoas no Corredor Cultural. Da mesma forma, as características arquitetônicas externas do edifício serão preservadas, respeitando assim o desejo da população que, em 1999, o elegeu como edifício símbolo da cidade. (UFPR, 2010)

Como parte integrante do Corredor Cultural, o edifício possuirá também um Centro Cultural dotado de toda a infraestrutura necessária para mostrar a dinâmica da produção cultural e científica da instituição. (UFPR, 2010)

A idéia de colocar o curso de Arquitetura e Urbanismo no programa do edifício tem por objetivo criar uma relação de sinergia entre as áreas culturais e as áreas didáticas. Propondo tornar os espaços didáticos do programa, parte integrante do circuito e da dinâmica do Corredor Cultural.

Procurando assim firmar o conceito de Universidade: plural, diversa, inovadora, humana e comprometida com a produção do conhecimento em todas as áreas e com a sociedade que a abriga. (UFPR, 2010)

1.2 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral desta pesquisa é fornecer subsídios teóricos, técnicos e históricos para o posterior projeto de refuncionalização e restauração do Edifício Central da UFPR.

1.2.1 Objetivos Específicos

Como objetivos específicos essa pesquisa pretende conhecer o tema a fundo: pesquisando a história da instituição e sua importância para o desenvolvimento da cidade; entender a contribuição da proposta do Corredor Cultural na dinamização da vida cultural da cidade e compreender a importância do Edifício Central nesse contexto; estudar o projeto do Edifício Central e suas etapas evolutivas, bem como, os programas do curso de Arquitetura e Urbanismo e o Setor Cultural da instituição que serão os usos propostos para a refuncionalização do Prédio. Analisar casos correlatos específicos, nas esferas nacional e internacional, buscando um repertório arquitetônico que aborde questões como, integração de programas díspares em um mesmo edifício e questões referentes à intervenção em edifícios de importância histórica. Por último definir diretrizes para o exercício prático de projeto de arquitetura.

1.3 JUSTIFICATIVAS

Usando as palavras da coordenadora do Plano Diretor da UFPR, Profa. Dra. Maria Luiza Marques Dias, no Caderno de Apresentação da Proposta do Estudo Preliminar para o Edifício Central, a monografia tem como justificativas:

Marcar o momento histórico do centenário da UFPR; persistir no ícone arquitetônico que simboliza a cidade; permitir a refuncionalização e restauração do edifício, adequando-o às novas demandas da vida acadêmica, mantendo os estudantes e criando novos espaços de produção e mostra das atividades culturais da UFPR; contribuir com um projeto maior de dinamização da vida cultural da cidade, permitindo que as atividades culturais tenham na UFPR uma âncora importante; reafirmar o conceito de uma Universidade comprometida com a produção e disseminação do conhecimento em todas as áreas. (UFPR, 2010, p. 04)

1.4 METODOLOGIA DO TRABALHO

A pesquisa está estruturada em quatro etapas: Fundamentação Teórica, Estudos de Correlatos, Leitura da Realidade e Diretrizes de Projeto.

A fundamentação teórica define a pesquisa histórica, técnica e conceitual sobre o tema e seus sub-temas: A UFPR e a sua relação com a cidade, o Corredor Cultural e a sua importância na dinamização da vida cultural do centro, o Edifício Central e sua história, o curso de Arquitetura e o Setor Cultural da UFPR, contando a história desses dois setores e detalhando seu funcionamento.

A segunda etapa, Estudos de Correlatos, procura buscar exemplos que abordem questões consideradas problemáticas para a futura proposta como, integração de programas díspares em um mesmo edifício e questões referentes à intervenção em edifícios de importância histórica. A Cidade da Música de Paris, Christian de Portzamparc, foi analisada principalmente pela decisão do arquiteto em separar o programa complexo em duas edificações, pois considerou complicado misturar usos públicos com privados. O Milstein Hall, OMA, foi estudado por abordar o tema da complexidade programática de uma maneira inversa a Cidade da Música, pelo uso dos espaços comuns para gerar interação entre os diferentes usuários e por se tratar de uma Faculdade de Arquitetura. A Pinacoteca do Estado de São

Paulo, Paulo Mendes da Rocha, foi alvo de análise primeiro por sua semelhança em planta com o Edifício Central, mas principalmente pela postura do arquiteto em relação ao prédio original, não fazendo deste o protagonista da obra e justamente por isso conseguindo um resultado satisfatório.

Na terceira etapa, Análise da Realidade, será estudada a situação atual do bairro onde está inserido o Edifício Central, bem como, o próprio edifício, sua importância local, contexto físico, formal e histórico e sua inserção na malha urbana.

Na última etapa serão definidas as diretrizes projetuais para o desenvolvimento posterior do projeto. Estas diretrizes serão a base fundamental para desenvolver com sucesso o projeto na segunda etapa do trabalho.

A metodologia utilizada foi a da pesquisa bibliográfica e webgráfica, em livros, artigos de publicações especializadas, etc.

2 REFERENCIAL TEÓRICO CONCEITUAL

2.1 A UFPR E SUA IMPORTÂNCIA PARA A CIDADE E A SOCIEDADE

A história da Universidade Federal do Paraná é marcada por grandes feitos e está muito ligada à história de desenvolvimento do Estado do Paraná. Foi a ousadia e a competência de Victor Ferreira do Amaral e Nilo Cairo, motivados pela sociedade paranaense, que fizeram da UFPR a primeira Universidade do Brasil. (WACHOWICZ, 1983)

De acordo com PILOTO (1976), sua história começa em 1892, quando o político Rocha Pombo com seu espírito vanguardista desejou dotar o Paraná de uma Universidade. Porém sua ideia era avançada demais para a época.

Foi em 1912, como reação ao incidente do repto do Contestado que se iniciou novamente o movimento pró-Universidade:

“Algumas lideranças perceberam onde residia a deficiência principal dessa sociedade ervatira: a falta de intelectualidade. Daí o empenho de alguns de seus membros em organizar, na capital, uma Universidade. Esta deveria sanar essa lastimável lacuna, evidenciada pelo desenrolar da história local”. (WACHOWICZ, 1983, p. 25)

Em 19 de dezembro de 1912, Victor Ferreira do Amaral e Silva liderou a criação efetiva da Universidade do Paraná. Isso foi possível graças a Lei Rivadávia que liberava e desoficializava o ensino superior no Brasil. A escolha da data não foi acidental, havia a intenção de identificar claramente a Universidade e o Estado. Nas palavras de Vitor do Amaral, o dia 19 de dezembro que “representa a emancipação política do Estado, devia também simbolizar a sua emancipação intelectual”. (BURMESTER et al., 2002 apud WACHOWICZ, 1983)

De acordo com Gonçalves Junior (1997):

“Curitiba, nessa época com cerca de 30.000 habitantes, tornou-se uma das três sedes de universidades no Brasil. As outras duas, surgidas também graças à Lei Rivadávia, foram as de Manaus e São Paulo. Porém só a de Curitiba consolidou-se, tornando-se a primeira universidade do Brasil”. (GONÇALVES JUNIOR, 1997, p. 10)

Em fevereiro de 1913, a universidade começou a funcionar, inicialmente como uma instituição particular. Segundo PILOTO (1976), os primeiros cursos ofertados foram Ciências Jurídicas e Sociais, Engenharia, Comércio, Odontologia, Farmácia e Obstetrícia. Em agosto de 1913, o presidente Carlos Cavalcanti faz o lançamento da pedra fundamental do Edifício Central, localizado na Praça Santos Andrade, em terreno doado pela Prefeitura. (WACHOWICZ, 1983)

Na década seguinte surgem as primeiras dificuldades. Entre elas o decreto 11.530, conhecido como Lei Maximiliano. Com ela “o governo buscava corrigir situações de verdadeira mercantilização de diplomas favorecida pela liberalização total que a Lei Rivadavia trouxera para o ensino superior”. (BURMESTER et al., 2002, p. 20)

Afirma Wachowicz com muita propriedade (1983, p. 68): “De todas as Universidades livres surgidas com a Lei Rivadavia, era a do Paraná que apresentava as melhores condições”, Isto é, um compromisso efetivamente acadêmico visando o desenvolvimento social. (BURMESTER et al., 2002)

Era necessário então criar alternativas para evitar o fechamento da Universidade do Paraná. A forma encontrada na época para driblar a lei e continuar funcionando foi desmembrar a Instituição em faculdades. (CARNEIRO, 1971)

Durante três décadas buscou-se novamente a restauração da Universidade, acontecida em 6 de junho 1946, quando as faculdades foram novamente reunidas e reconhecidas oficialmente como Universidade do Paraná. (WACHOWICZ, 1983)

Após a restauração, a próxima batalha visou a federalização da instituição. O reitor na época Flávio Suplicy de Lacerda mobilizou as lideranças do Estado em torno desse objetivo, que foi concretizado em dezembro de 1950. A Universidade tornava-se uma instituição pública e gratuita, transformando-se em Universidade Federal do Paraná. (BURMESTER et al., 2002)

Após a federalização, a Universidade passa por um significativo processo de ampliação. A construção do Hospital de Clínicas em 1953, do Complexo da Reitoria em 1958 e do Centro Politécnico em 1961 tornam a UFPR em uma das maiores

instituições de ensino do país, comprovando sua consolidação. (GONÇALVES JUNIOR, 1997)

São 100 anos de história, marcados pela perseverança e resistência. Uma instituição fruto da audácia de seus criadores, que se orgulha de ser a primeira do Brasil e símbolo da capital paranaense. (BURMESTER et al., 2002)

2.2 CORREDOR CULTURAL

Em 2009, a Universidade Federal do Paraná em parceria com o IPPUC, a Prefeitura Municipal de Curitiba e associações comerciais, iniciaram a proposta de um Corredor Cultural em Curitiba, como parte de um processo de reestruturação geral do centro da cidade, que inclui modificações na Rua Riachuelo e na Rua São Francisco, o chamado Centro Vivo. (GUSTAVOT, 2011)

Segundo definição apresentada pela Pró-Reitora de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Paraná, professora Elenice Matos Novak, na reunião do Conselho Universitário da Universidade Federal do Paraná realizada em 23/06/2010, o Projeto Corredor Cultural:

Consiste na composição de áreas físicas que agregarão ambientes para diferentes expressões culturais e artísticas [...] além de espaços para socialização, educação, ensino e difusão da cultura e das artes. Espaços integrantes: o Prédio Histórico (Centro Cultural), o Teatro da Reitoria, a Capela, e os saguões dos Edifícios D. Pedro I, D. Pedro II e do Prédio da Reitoria [e mais onze entidades alocadas como pontos de cultura (FIGURA 1)]. Objetivos gerais: Integração e articulação do Corredor Cultural com a cidade de Curitiba [...]. Objetivos específicos: a expansão da identidade cultural da UFPR para o cenário nacional; o estabelecimento de um grande espaço para exposições, ensaios, apresentações, oficinas, discussões temáticas e reuniões, aberto à população; a expansão dos programas de visitas de escolas públicas aos museus [...]; a disponibilização de áreas para exposições de trabalhos acadêmicos e das comunidades alcançadas pelas ações extensionistas; a ampliação dos espaços de ensino da arte para a comunidade acadêmica da UFPR; a possibilidade da UFPR cumprir com o seu papel no contexto da responsabilidade e inclusão social, por meio de ações educativas, formadoras e transformadoras de vida; a melhoria e a ampliação da funcionalidade de espaços cênicos e de ensaios e apresentações dos Grupos Artísticos da UFPR; a disponibilização de novas oportunidades de interação entre as atividades acadêmicas e as atividades artísticas; a ampliação das agendas culturais [...] de artistas paranaenses; o oferecimento de atividades para as diferentes faixas etárias da população, com motivações culturais, envolvendo alunos e servidores da UFPR e parceiros; o estímulo a aproximação de grupos ligados às artes e a cultura da UFPR com redes culturais; a apresentação de agendas permanentes e

multidisciplinares; a colaboração com o turismo cultural da cidade de Curitiba; e a cooperação com o desenvolvimento econômico e melhoria das condições sociais da região. (SESSÃO DO CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, 2010, p. 01-02)

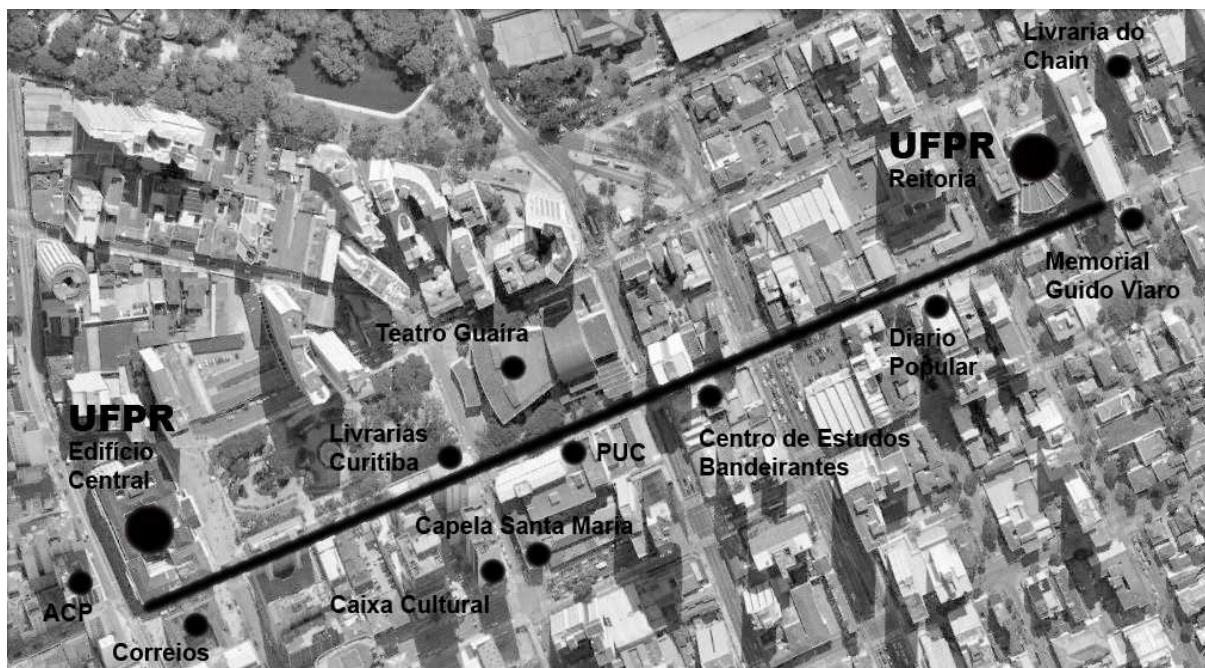


Figura 1: Mapa com as 13 entidades colocadas na proposta como pontos de cultura.

Fonte: Caderno de Apresentação da Proposta do Estudo Preliminar para o Edifício Central (Agosto de 2010) modificado pelo autor.

Quando se fala em Corredor Cultural, é necessário falar sobre a Rua XV de Novembro, pois a proposta trata-se de uma extensão de seu trecho até o Teatro da Reitoria. Outro ponto fundamental na análise da Rua XV é a leitura da sua paisagem urbana, da qual o Edifício Central da UFPR faz parte, que é tombada pelo patrimônio histórico.

2.2.1 Paisagem Urbana da Rua XV de Novembro

Compreende um trecho do centro da cidade que se estende da Praça Osório até a Praça Santos Andrade. (FIGURA 2)



PAISAGEM URBANA DA RUA XV

Figura 2: Composição da área urbana no Tombamento da paisagem da Rua XV.

Fonte: Secretaria de Estado da Cultura, modificado pelo autor (2013).

De acordo com o livro *Espiraís do Tempo em Cultura* (2006):

A ocupação dessa área deu-se na segunda metade do século XIX, com o enriquecimento da cidade durante o ciclo do mate. Por volta de 1870 pessoas a cavalo ou a pé e carro de bois eram os únicos transeuntes no caminho batizado por casas térreas, mal alinhadas, cobertas com telha canal e dotadas de quintais arborizados, em que a presença de roseiras e trepadeiras justificou a denominação de Rua das Flores. Quando em 1880 D. Pedro visitou Curitiba, a rua pavimentada e iluminada a gás, foi rebatizada como Rua da Imperatriz, nome substituído após a Proclamação da República para Rua XV de Novembro. Nessa época o casario térreo já estava sendo substituído por sobrados de uso misto [...] e sua arquitetura pelo ecletismo de vocabulário neoclássico. Do final do século até os anos 30 consolida-se [...] como eixo comercial e cultural da cidade e sua área de maior convivência social. Avenida Luiz Xavier é o nome dado à extremidade da Rua XV de Novembro, em que a largura da via é maior. [...] Durante muito tempo foi a "Cinelândia" de Curitiba, pela concentração ali dos três principais cinemas da cidade. Destacam-se na avenida dois edifícios: o Palácio Avenida e o Moreira Garcez, que foram os primeiros edifícios de apartamentos de escritórios da cidade. [...] O trecho da Rua XV que integra essa paisagem começa na avenida e termina na Praça Santos Andrade. Corresponde às quadras mais antigas, onde se vêem ainda sequências de exemplares assobradados da arquitetura eclética do final do século passado ao início deste, interrompidos por alguns prédios modernos. Pela maior riqueza e originalidade, destacam-se duas casas: a de esquina da Monsenhor Celso e a Casa Louvre. [...] A interdição ao tráfego de veículos em 1972 pelo então prefeito Jaime Lerner modificou o panorama da via pública [...]. A transformação dessa rua, a principal via comercial da cidade, para uso exclusivo de pedestres, foi experiência pioneira no Brasil, seguida

depois de diversas cidades brasileiras. As duas praças que balizam o trecho tombado são muito diversas. A Praça Osório, na extremidade da Avenida Luiz Xavier, é expressiva pelo agenciamento dos equipamentos recreativos em um espaço desenhado no século passado e pela presença de arborização de grande porte. [...] Na arquitetura em redor, predominam edifícios de escritório e apartamentos sem maior valor estético. **A praça Santos Andrade, na outra extremidade do trecho tombado, tem como elementos principais o prédio da Universidade Federal do Paraná [...].** A vegetação da praça é de pequeno porte, arbustiva, com exceção de alguns pinheiros. Na outra extremidade ergue-se o Teatro Guaíra, principal casa de espetáculos da cidade [...]. Os dois outros lados da praça são ocupados por edificações de comércio e residência sem maior significado. (CULTURA, 2006 p. 156 -159, grifo nosso)

O espaço da Rua XV apresenta-se como um microcosmo social cujas características e peculiaridades fazem desde local o centro catalisador dos eventos culturais da cidade. Seja através da leitura arquitetônica do conjunto de sua paisagem urbana até o estudo antropológico do fenômeno da apropriação do espaço, a XV oferece uma riqueza de informações inigualável para analisar o processo de desenvolvimento urbano de Curitiba. (BOSCHILIA, 1996)

2.3 EDIFÍCIO CENTRAL

Segundo Saraiva (1999, pág. 05), “cada cidade tem a sua história e uma memória silenciosa que conserva as marcas indeléveis dos acontecimentos vividos. Algumas vezes, essa memória sobressai em expressivos monumentos que falam por si”, é o caso do Edifício Central da UFPR, este velho prédio deu a Curitiba o status de Cidade Universitária, representa a presença da cultura na cidade, e é um forte ponto de integração espaço urbano-habitante. (GONÇALVES JUNIOR, 1997)

O objetivo deste capítulo é mostrar o processo de evolução construtiva do Edifício Central, desde a concepção inicial feita por Baeta de Faria até o restauro da fachada realizado em 2012 para a comemoração ao centenário da instituição. Portanto trata-se de um capítulo com informações técnicas que servirão de base para a proposta do projeto arquitetônico de refuncionalização e restauração do edifício que será realizada na segunda etapa deste trabalho.

Após pesquisar em vários locais a única referencia bibliográfica que abordava o Edifício Central de um ponto de vista técnico era o livro de Antonio J. Gonçalves Junior, Universidade Federal do Paraná: um edifício e sua história. Literatura amplamente utilizada pelos membros da equipe que fizeram a proposta de refuncionalização do prédio em 2010 e depois realizaram a reforma da fachada para a comemoração do centenário da instituição. Portanto este capítulo por falta de outras publicações que tratassem o tema pela mesma abordagem acabou tendo quase como referência única o livro de Gonçalves Junior, que é uma fonte de informações técnicas importantes para a compreensão do desenvolvimento e ampliação do Edifício Central.

Observando fotografias antigas do Edifício Central da Universidade em 1916 (FIGURA 3), pode-se facilmente acreditar que é outro edifício, tamanha a diferença do seu aspecto atual (FIGURA 4). Foram realizadas cinco ampliações entre 1913 à 1955, surgindo após cada intervenção um edifício maior e diferente. (GONÇALVES JUNIOR, 1997)



Figura 3: Fachada em 1915
Fonte: Anuário da Universidade (1956)



Figura 4: Fachada restaurada 2012
Fonte: Flickr (2012)

“Nessa história, um aspecto importante deve ser considerado, pois confere ao edifício uma característica peculiar: existem vários exemplos de edifícios que são ampliados de acordo com a necessidade de maiores áreas para o desenvolvimento de suas atividades. [...] O caso da Universidade do Paraná foi exatamente este, ou seja, uma necessidade cada vez maior de espaço num terreno pequeno, que obrigava a construção de ampliações “coladas” ao edifício existente. No entanto, e esse é o aspecto a ressaltar, em vez de se utilizar a forma habitual de ampliações (a junção), empregou-se um raro processo de ampliações - a fusão, onde as principais ampliações, além de acrescentarem mais espaço, transformavam também a construção existente, com o objetivo de se obter um conjunto único. [...] Isto explica por que o edifício da Universidade nos dá a impressão de ter sido projetado globalmente por uma única pessoa ou equipe”. (GONÇALVES JUNIOR, 1997 p. 05)

2.2.1 Projeto Original

Quando Guilhermino Baeta Faria terminou o projeto original, mal podia imaginar com quantos coautores dividiria o título de projetista do edifício. Projetado inicialmente para o terreno da universidade localizado entre as ruas Carlos de Carvalho e Visconde de Nácar, houve a necessidade de ligeiras reformulações realizadas por Euclides Espíndola e Arthur Portela para ocupar o terreno doado pela Prefeitura Municipal na Praça Santos Andrade. (SILVA in CARNEIRO, 1972)

Segundo GONÇALVES JUNIOR (1997), o início das obras ocorreu em setembro de 1913, consistindo na construção da parte central do edifício voltado para a Praça Santos Andrade. O projeto global previa a construção de um edifício aproximadamente quadrado, com um pátio central, circundado por uma galeria que ligava todos os espaços. (FIGURA 5 e FIGURA 6)

Assinaram o contrato de execução Bortolo Bergonze e Carlos Dietzche, que após apresentarem orçamentos equivalentes na concorrência, foram convencidos por Nilo Cairo a fazer uma parceria para a construção do edifício. (WACHOWICZ, 1983)

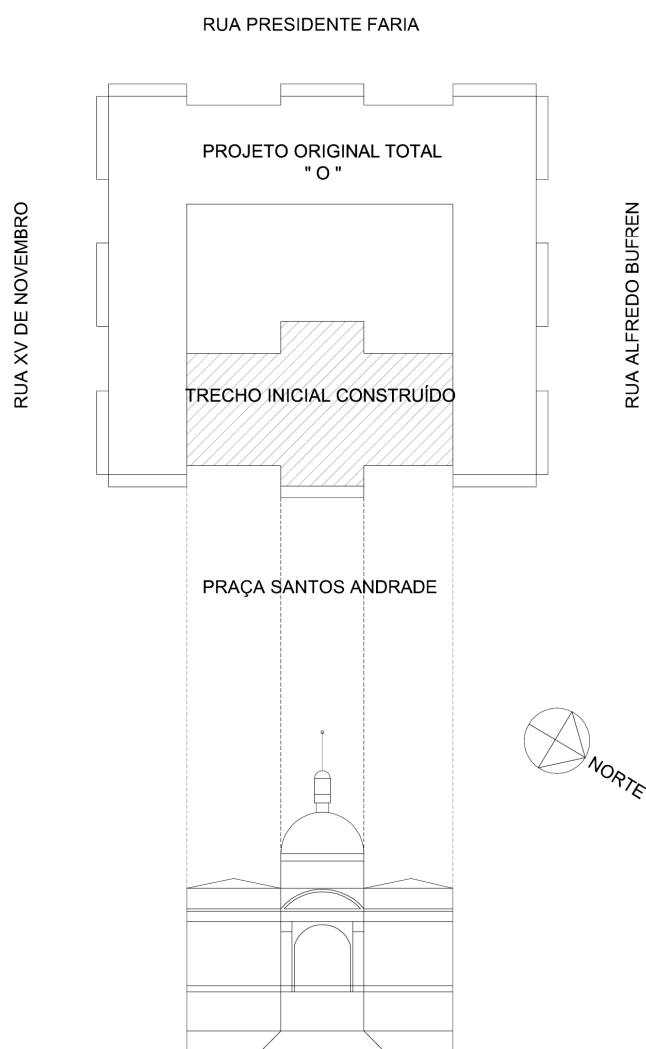
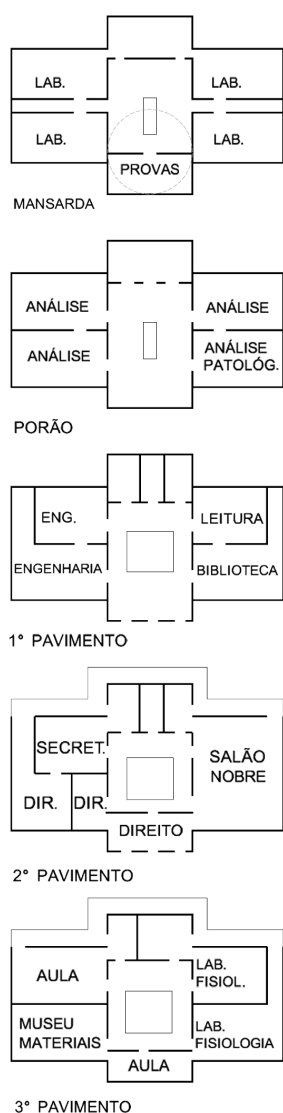


Figura 5: Ocupação inicial do edifício.

Fonte: GONÇALVES JUNIOR (1997), modificado pelo autor.

Figura 6: Trecho inicial construído.

Fonte: GONÇALVES JUNIOR (1997)

Projetado dentro do período eclético, o edifício naturalmente foi concebido segundo este estilo. A ênfase dada às fachadas decorre do modo de projetar desse período. (BRUAND, 1991)

“Ao utilizar a divisão das fachadas em cinco partes [(FIGURA 7)], Baeta de Faria se inspirou numa solução francesa utilizada com sucesso no Louvre (Paris, De Le Vau, Perrault e Le Brun, 1667-70), e, depois muito repetida em vários outros projetos. [...] Neste partido cada divisão corresponde a uma alternância de planos, criando-se uma movimentada sucessão de volumes salientes e reentrâncias ao longo das quatro fachadas [(FIGURA 8)]. [...] Como o projeto inicial não foi totalmente executado, deduz-se que todas as fachadas seguiam esse partido básico”. (GONÇALVES JUNIOR, 1997 p. 22)

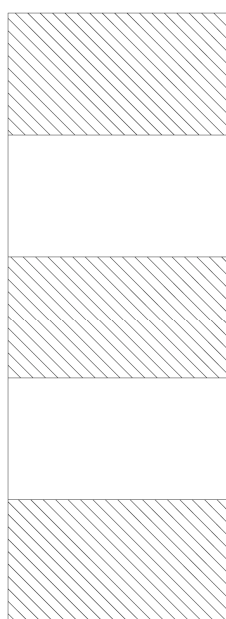


Figura 7: Divisão da fachada em cinco partes.
Fonte: GONÇALVES JUNIOR (1997)

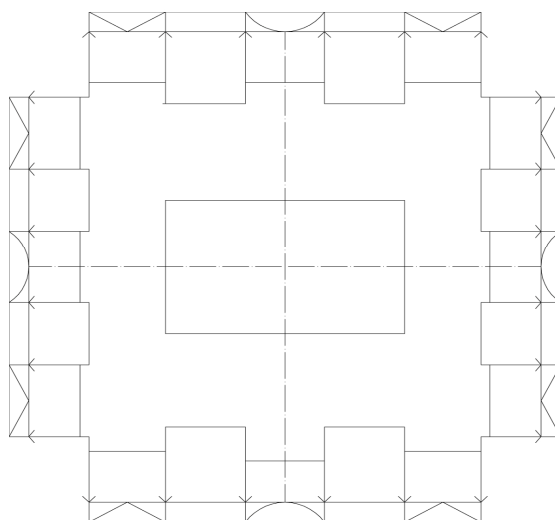


Figura 8: Esquema de alternância de planos.
Fonte: GONÇALVES JUNIOR (1997)

O resultado dessa composição foi um edifício que, apesar de possuir certa complexidade plástica, apresentava uma fácil leitura. Já nesta fase, era chamado de Palácio da Luz. (BURMESTER et al., 2002)

2.2.2 Primeira Ampliação

Logo após o reconhecimento das Faculdades de Direito, Medicina e Engenharia em 1917. Surge a necessidade de mais espaço para abrigar as três faculdades, agora independentes. (CARNEIRO, 1971)

“Em 1923 inicia-se a construção dos volumes laterais de acordo com o projeto original [(FIGURA 9)], ainda pela firma Bortolo Bergonse. Conclui-se primeiramente em 1925 a ala voltada para a Rua XV, que é ocupada imediatamente pela Faculdade de Engenharia. A outra ala, terminada um ano após, foi ocupada pela clínica dentária do curso de Odontologia. [...] Com a conclusão das alas, define-se o 2º edifício da Universidade, que manteria esse aspecto até 1945, na face voltada para a Praça Santos Andrade e até 1940, na face voltada para a Rua Alfredo Bufren.” (GONÇALVES JUNIOR, 1997 p. 32-33)

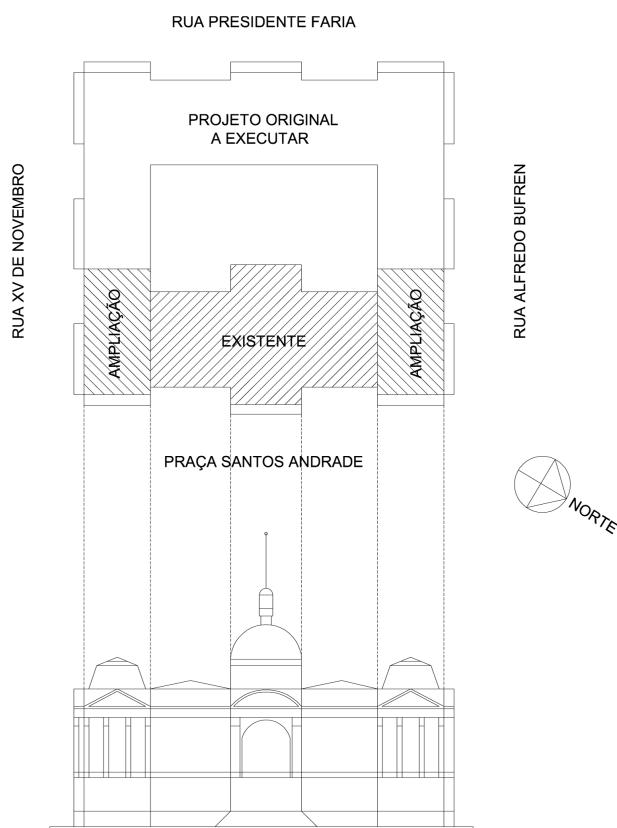


Figura 9: Construção das alas laterais.

Fonte: GONÇALVES JUNIOR (1997), modificado pelo autor.

2.2.3 A Ampliação da Alfredo Bufren

Projetada em 1939, foi a última ampliação que seguiu o projeto original, contudo, apresentou uma importante modificação, a eliminação do conjunto de colunas do volume central (FIGURA 10). Foi nessa ampliação em que a cor branca foi adotada para toda fachada do edifício pela primeira vez. (GONÇALVES JUNIOR, 1997)

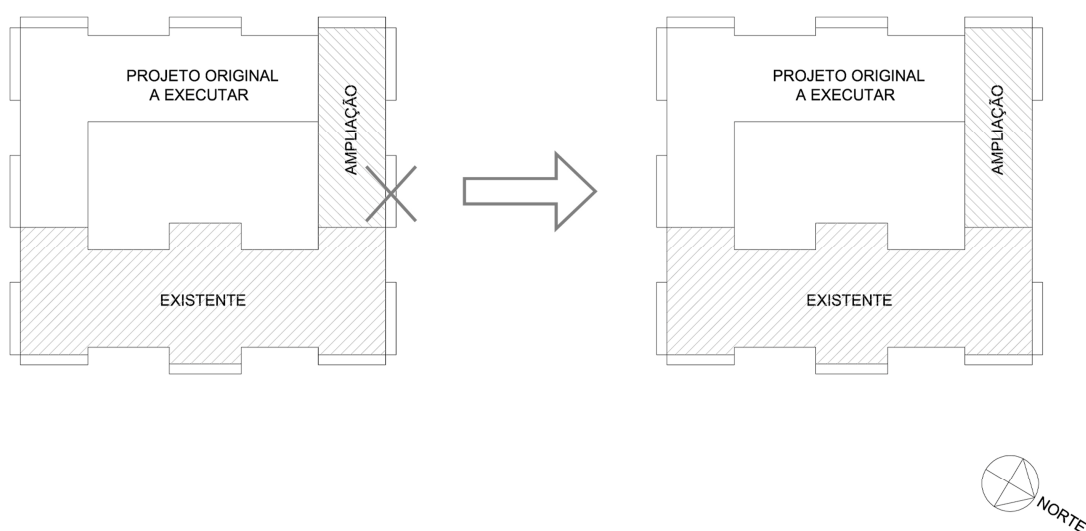


Figura 10: Esquema de ampliação da Bufren, com a retirada do conjunto de colunas do volume central.

Fonte: GONÇALVES JUNIOR (1997) modificado pelo autor.

Para Gonçalves Junior (1997, p. 39) “Este projeto transformou o edifício de Baeta de Faria no edifício que nós conhecemos, através de uma solução genial, em sua simplicidade e elegância, que até hoje intriga quem conhece as antigas imagens do edifício da Universidade”.

2.2.3 A Ampliação da Rua XV de Novembro

No início de 1940, a faculdade de Engenharia necessitava urgentemente de mais espaço para se instalar adequadamente. Ocupando o lado esquerdo do edifício, a ala de Engenharia poderia ser ampliada de forma similar à ampliação da Alfredo Bufren, respeitando o projeto original. No entanto, considerou-se insuficiente

o espaço que seria oferecido por essa ampliação. Para atender a demanda exigida pelo curso de Engenharia, era necessário avançar até o limite do terreno, ou seja, ocupar todo o terreno livre voltado para a Rua XV de Novembro (FIGURA 11). (REVISTA TÉCNICA, ABRIL - JUNHO 1947, p. 267)

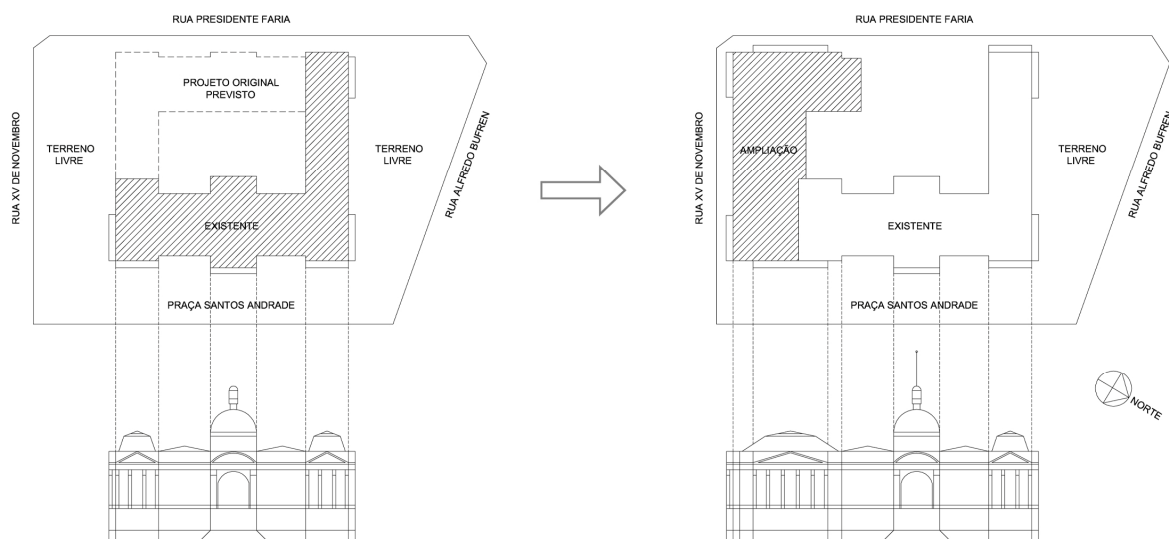


Figura 11: Esquema de ampliação da Rua XV mostrando a alteração na simetria da fachada.
Fonte: GONÇALVES JUNIOR (1997), modificado pelo autor.

Isso envolveria uma alteração razoável no projeto original, tornando a fachada assimétrica. O desafio desta proposta era realizar a necessária ampliação sem comprometer a harmonia da fachada para a Praça Santos Andrade.

A faculdade de Engenharia decidiu encomendar projetos a arquitetos daqui e de outros estados para estudar a melhor solução para a ampliação do edifício, contudo, nenhuma das propostas apresentadas satisfaz as exigências da comissão responsável. Tentaram-se então estudos feitos pelos professores da Universidade, que por estarem mais próximos do problema, poderiam apresentar melhores soluções. Ainda sim não houve um consenso entre as propostas elaboradas. (GONÇALVES JUNIOR, 1997)

Foi então que convidaram o professor Rafael Klier de Assunção (professor interino da cadeira de Arquitetura) para tentar, partindo de todas as soluções apresentadas, chegar a uma proposta definitiva. O professor teve como auxiliar o

então acadêmico Orlando Silveira Pereira. (REVISTA TÉCNICA, ABRIL - JUNHO 1947, p. 267)

“Tanto o professor Klier como Orlando Silveira acompanharam atentamente a questão da ampliação, de modo que, quando se lançaram ao trabalho, já tinham um profundo conhecimento de todas as condicionantes do problema. A ideia definitiva provavelmente não foi cogitada antes, porque envolvia modificações drásticas na construção existente, deixando de lado o sentimentalismo de não interferir no conjunto que havia 30 anos era motivo de orgulho e admiração dos paranaenses. E qual foi a ideia? Segundo as palavras do Prof. Orlando, bastou “ tirar uma coluna do frontão, acrescentar mais três e criar uns quebrados até chegar ao limite do terreno” (FIGURA 12). No lugar da coluna removida, propôs-se uma coluna em relevo, que se repetiria ao lado oposto do frontão. Com isso conseguiram duplicar a dimensão do volume lateral existente, sem deixar que isso fosse claramente notado, pois o frontão cresceria apenas 50%”. (FIGURA 13) (GONÇALVES JUNIOR, 1997 p. 42-43)



Figura 12: Quebrados até a divisa.
Fonte: Autor (2012)

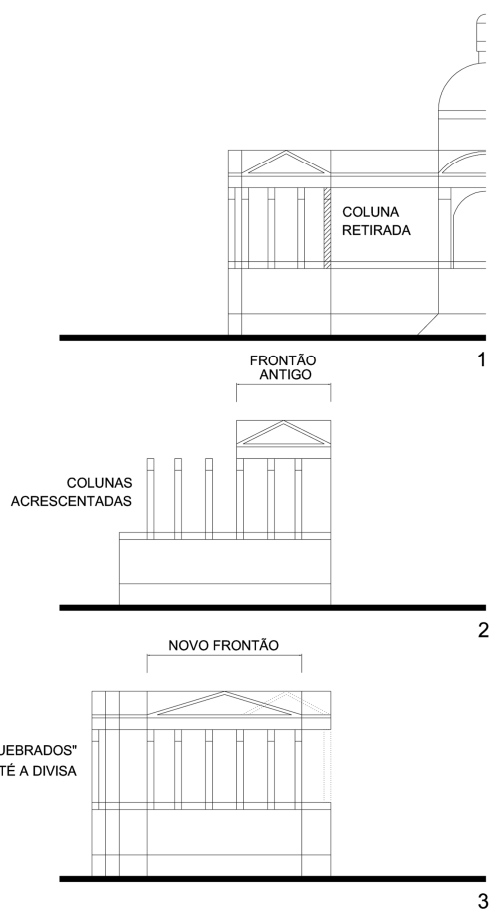


Figura 13: Esquema de ampliação do frontão lateral.
Fonte: GONÇALVES JUNIOR (1997)

“Essa solução manteve o aspecto principal do projeto de Baeta de Faria, que não era apenas, como sugeriam algumas propostas, a utilização de colunas e frontões, ou a alternância de saliências e reentrâncias, mas sim uma composição de fachada dividida em cinco partes com tratamento principal no volume central e secundária nos volumes laterais. [...] Seguindo esse raciocínio percebe-se claramente que haveria a necessidade de reformular também o volume central do edifício (FIGURA 14), como sugeriram Orlando e Klier, já que, com a ampliação dos volumes laterais, o volume central não se destacava no conjunto.” (GONÇALVES JUNIOR, 1997 p. 44)

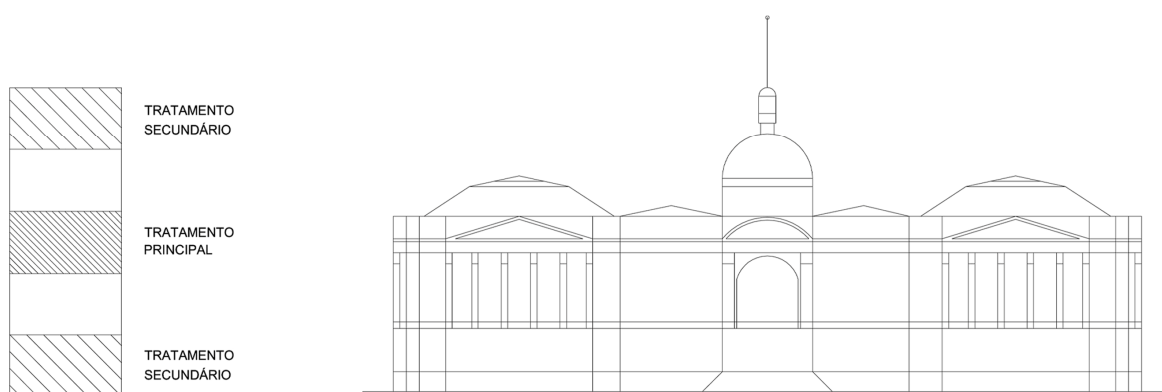


Figura 14: Esquema da fachada, mostrando a necessidade de reformular o frontão central.
Fonte: GONÇALVES JUNIOR (1997)

A reformulação das alas laterais acarretou na alteração da antiga mansarda, que foi substituída por um telhado em fibrocimento com menos altura que o anterior, mas ainda permitindo sua utilização interna. Como objetivo básico, o projeto previa a ampliação das duas alas laterais do edifício até os limites do terreno, solucionava o problema da drástica alteração na fachada para a Praça Santos Andrade e lançava a idéia básica para a solução das outras três fachadas. No entanto, já existia uma solução de fachada lateral, que havia sido realizada na ampliação da Alfredo Bufren. No entanto, Orlando e Klier tomando como referência a estratégia usada no Louvre, decidiram propor uma solução sensivelmente diferente para a fachada da Rua XV de Novembro. Recuaram a parede no 1º e 2º andares, deixando a colunata totalmente livre (FIGURA 15), objetivando com isso valorizar a fachada para a rua mais tradicional da cidade. As obras de ampliação começaram em outubro de 1945. (GONÇALVES JUNIOR, 1997)

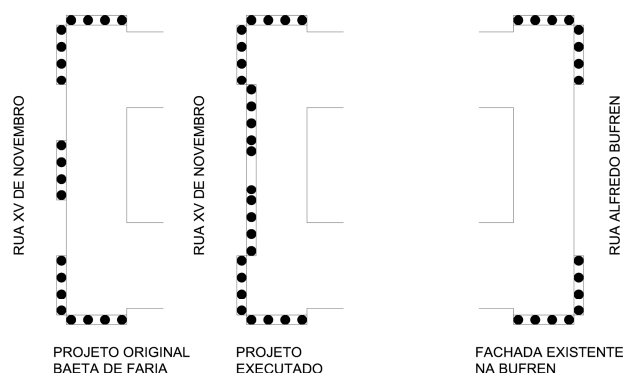


Figura 15: Esquema colunatas das fachadas laterais.
Fonte: GONÇALVES JUNIOR (1997), modificado pelo autor.

2.2.4 A Ampliação final

Na segunda metade do século passado o Edifício da Universidade estava com o início de sua metamorfose praticamente concluída, em 1951 a ala da Engenharia estava definitivamente pronta. As sucessivas ampliações do edifício estavam por terminar. Na década de 50 foi realizada a última e maior ampliação, quando houve um acréscimo de área de quase 50% (QUADRO 1). O projeto foi desenvolvido por uma equipe de professores da Escola de Engenharia. (ANUÁRIO DA UNIVERSIDADE DO PARANÁ (1954)

Quadro 1: Quadro de áreas mostrando o acréscimo de área no edifício com a nova ampliação.

ANTES DA REFORMA	
Engenharia	5.634,00 m ²
Direito	3.037,80 m ²
Medicina	2.840,50 m ²
Área do Prédio	11.512,30 m ²
AMPLIAÇÕES	
Engenharia	0,00
Direito	2.411,50 m ²
Medicina	3.359,50 m ²
Área do Prédio	5.571,00 m ²
TOTAL	
Engenharia	5.634,00 m ²
Direito	5.449,30 m ²
Medicina	6.200,00 m ²
Área do Prédio	17.283,30 m ²

Fonte: ANUÁRIO DA UNIVERSIDADE DO PARANÁ (1954), modificado pelo autor.

De acordo com o relatório da construção no ANUÁRIO DA UNIVERSIDADE DO PARANÁ (1954), o projeto compreendia:

- A. Ampliação da ala de Medicina de acordo com a ampliação de Engenharia, recuperando a simetria da fachada principal;
- B. Ala Central posterior (em forma de T) ampliando a faculdade de Direito e fazendo a ligação do corpo central com a R. Presidente Faria;
- C. Reforma do corpo central com a mudança do frontão, retirada da cúpula e correção das proporções do frontão da escola de Engenharia;
- D. Reforma interna do edifício, com substituição da cobertura, forro, assoalhos e etc. (FIGURA 16)

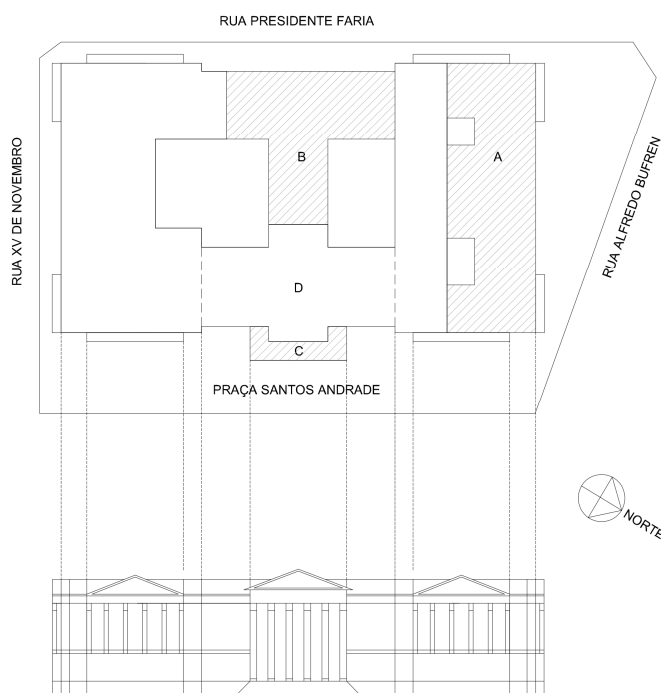


Figura 16: Esquema da ampliação definitiva.

Fonte: GONÇALVES JUNIOR (1997), modificado pelo autor.

Assim, em 1955, termina a última ampliação realizada no edifício. Entre 1992/1993 o edifício foi restaurado pelo escritório Aresta Arquitetura e Restauro após um incêndio ocorrido na ala de Odontologia. Em 2012, o edifício teve sua fachada restaurada em comemoração ao centenário da Universidade. Essa intervenção foi feita pelo arquiteto Fernando Luiz Popp do IPPUC que devolveu ao edifício a sua cor branca, tornando-o muito mais representativo.

2.4 CAU UFPR

Em 2013 a Universidade Federal do Paraná comemora seus 100 anos de existência. Mesmo ano em que o Curso de Arquitetura e Urbanismo (CAUUFPR) completa 50 anos de sua criação (BURMESTER et al., 2002). De acordo com Chiesa (2001, p.92), “construir uma visão panorâmica da trajetória do CAUUFPR nesses 40 anos resulta em repensar a contribuição dessa escola para a arquitetura e a sociedade paranaense contemporânea”. Mostrar como a Universidade entendeu que Curitiba e o Paraná estavam prontos para o ingresso da profissão de arquiteto, criando o curso de Arquitetura e Urbanismo, que desde o início, esteve entre os melhores do país. (BURMESTER et al., 2002)

Para melhor entendermos as bases para o surgimento do CAUUFPR, faremos um rápido resgate sobre a grande discussão ocorrida em torno do sistema de ensino vigente. Segundo Pacheco, estas discussões abordavam dois grandes temas distintos, porém interligados:

O primeiro defendia uma área de atuação profissional específica para o arquiteto, enquanto o segundo buscava meios para a independência das escolas de arquitetura que, em sua maioria, ainda estavam vinculadas às estruturas das Belas Artes ou das engenharias. Em outras palavras, as escolas de arquitetura do país estavam invariavelmente ligadas aos cursos de engenharia, que potencializavam a formação técnica-científica, ou às escolas de belas-artes, de formação exclusivamente artística [...] (PACHECO, 2011, p. 36).

O núcleo principal do modelo *beaux-arts* se encontrava na Escola Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, enquanto que o do modelo *polytechnique* se encontrava na Escola Politécnica de São Paulo (PACHECO, 2011 apud COMAS, 2002). Esses dois modelos conviveram harmoniosamente até 1930, quando surge a arquitetura moderna, trazendo evidentes sinais de ruptura.

A autonomia do curso de arquitetura inicia-se com a reforma curricular proposta por Lucio Costa, na direção da Escola Nacional de Belas Artes em 1930/31. Após a proposta da reforma curricular da ENBA RJ:

Seguiram-se inúmeras ações no plano institucional, educacional e cultural que prepararam o solo para a expansão do número de escolas de arquitetura no Brasil. Aos poucos foram delineando os contornos das atribuições legais da profissão, assim como foram desenhados os primeiros currículos e perfis profissionais a partir de debates de caráter e abrangência nacional. Em decorrência disso levantou-se a bandeira pela autonomia da formação do arquiteto em relação às antigas escolas de engenharia e belas-artes. [Situação que de forma nenhuma] ocorreu de maneira 'automática ou pura'. Ao contrário, a criação dos novos cursos e escolas adaptou-se às condições objetivas e subjetivas de cada local. Principalmente naquelas regiões distantes dos centros de formação tradicionais. (CHIESA, 2001, p. 93)

É nesse contexto que em 1962/63 é constituído o CAUUFPR:

Sua fundação foi iniciativa de profissionais e professores universitários que perceberam o imperativo de reorganização do espaço urbano sob os novos signos da modernidade, e viram na arquitetura e no urbanismo os instrumentos para atingir objetivos de afirmação cultural e política. (CHIESA, 2001, p. 126).

Porém, o curso nasce dentro da estrutura da antiga Escola de Engenharia do Paraná, como um apêndice de uma escola politécnica. Portanto, sua comissão fundadora teve por desafio construir uma estrutura curricular já totalmente desvinculado dos modelos até então vigentes, baseada nas últimas tendências, sem ênfases desmesuradas nas questões técnico-científicas ou nas artísticas. (PACHECO, 2011)

Segundo Salvador Gnoato:

No curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPR, os antigos conceitos das Escolas de Belas Artes já estavam completamente superados [...] Tratava-se de uma ruptura total de concepções e se acreditava que era desnecessário e inútil o estudo de tal arquitetura, uma vez que o Movimento Moderno aparentemente a tinha superado completamente. (GNOATO, 2002, p. 20)

Segundo Paulo Chiesa:

O CAU UFPR [...] [credencia-se] como o primeiro vínculo orgânico do Paraná com o movimento internacional de arquitetura. Através do ensino, os professores pioneiros moldaram gerações de estudantes, iniciando-os nas diversas tendências arquitetônicas. (CHIESA, 2001, p. 92)

No contexto histórico de origem dessa escola encontra-se o desabrochar econômico e social do Paraná pós anos 50 do século XX, o movimento dos profissionais junto aos governos para institucionalizar o processo de formação e a prática profissional, a emergência da arquitetura moderna brasileira com suas teses e abordagens e a dependência do Estado em relação a centros de formação profissional e mão de obra qualificada. Antes disso eram engenheiros civis locais ou arquitetos contratados de outros estados que projetavam os edifícios e as cidades. (CHIESA, 2001)

De acordo com PACHECO (2011), para o funcionamento do curso, foi necessária a migração de professores e profissionais vindos de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, juntamente com os profissionais locais que acabariam por constituir uma escola de arquitetura poliédrica e bastante afastada dos ranços academicistas, já que nasce inteiramente adaptada ao novo currículo que tinha por base adequar-se aos ensinamentos da arquitetura moderna. Com a contribuição de tão diversas tradições acadêmicas, o Paraná tornou-se um centro difusor de tecnologia nessa área. A cidade de Curitiba foi um verdadeiro laboratório para o aprendizado e para a prática profissional. As transformações na paisagem e estrutura urbana da capital paranaense são o maior legado dessa escola à sociedade brasileira. (CHIESA, 2001)

O caso do CAUUFPR comprova as idéias de SEGAWA (1999), de que as escolas de arquitetura e as migrações de arquitetos pelo interior do país estão entre os fatores que disseminaram a moderna arquitetura brasileira.

Em cinco décadas de funcionamento do CAUUFPR, passaram por suas salas de aula 50 turmas, resultando na formação de cerca de 1925 arquitetos e urbanistas. Para uma melhor compreensão, Chiesa divide a história do curso em quatro fases:

1. A fase germinal, compreendendo as ações empreendidas para a criação do curso, antes mesmo de iniciar as aulas em 1962 e estendendo - se até formação da 1a turma de engenheiros - arquitetos em 1965;
2. A fase de estruturação, caracterizada pela organização dos Departamentos de Composição e de Teoria e História da Arquitetura em 1965 e culminando com a fusão dos dois primeiros para constituir o Departamento de Arquitetura em 1971, enquadrando o curso nas diretrizes da Reforma Universitária de 1969;
3. A fase de amadurecimento, atravessando as décadas de 70/80 até meados dos anos 90, quando mais da metade do corpo docente original já se afastara das salas de aula, a maioria por motivos de aposentadoria;
4. A fase de reformulação, que teve início em 1994 no bojo dos processos de reestruturação do atual currículo e recomposição do corpo docente da escola. (CHIESA, 2001, p.94)

Cada uma dessas fases do curso descritas por CHIESA (2001) mereceria uma descrição minuciosa, porém, tal investigação escapa ao objetivo principal desse trabalho.

Nesta próxima etapa será detalhado o funcionamento atual da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPR, montando um descritivo das atividades do curso. Este descritivo tem por objetivo fornecer subsídios mais concretos para a fundamentação do programa de necessidades do prédio que será utilizado na segunda etapa deste trabalho.

Atualmente o CAUUFPR está instalado no Centro Politécnico da Universidade, possui 359 alunos distribuídos nos cinco anos letivos que compõe o curso. Anualmente ingressam na faculdade através do vestibular cerca de 60 alunos, metade no período da manhã e metade à tarde. Além da graduação, a faculdade oferece o curso de especialização em Geoprocessamento, com duração de dois anos e turma para 40 alunos.

O curso conta no momento com 35 funcionários distribuídos conforme a tabela abaixo. (QUADRO 2)

Quadro 2: Quadro de funcionários do CAUUFPR.

SETOR	NOME	FUNÇÃO
PROJETO	Andrea B. M Stingenhen	Professora
	Artur Renato Ortega	Professor
	Cleusa de Castro	Professora
	Emerson José Vidigal	Professor
	Eneida Kuchpil	Professora e Suplente da Cordenadoria
	Humberto Mezzadri	Professor
	Lisana K. Schmitz Santos	Professora
	Paulo C. Braga Pacheco	Professor
	Alessandro F. Rosaneli	Professor
	Paulo Chiesa	Professor e Coordenador
	Roberto Sabatella Adam	Professor
	Rudnei Ferreira Campos	Professor
	Silvana W. Ferraro	Professora
	Marina M. Oba	Professora
	Marco C. Dudeque	Professor
	Paulo M. M. Barnabé	Professor
	Sérgio F. Tavares	Professor
	Sílvio Parucker	Professor
URBANISMO	Cristina de Araújo Lima	Professora
	Gislene Pereira	Professora e Vice do Chefe do Departamento
	Luís H. C. Fragomeni	Professor
	Madianita Nunes da Silva	Professora
	Maria L. Marques Dias	Professora
TEORIA	Antonio M. N. Castelnou	Professor
	José La Pastina Filho	Professor
	Juliana H. Suzuki	Professora
	Josilena M. Z. Gonçalves	Professora e Chefe do Departamento
TECNOLOGIA	Aloísio Leoni Schmid	Professor
	Carlos Alberto Adão	Professor
	Vander Yamauchi	Professor
	Ernesto Sperandio Neto	Professor
ADMINISTRAÇÃO	Otília Rodrigues	Secretaria do Coordenação
	Gilmar Ferreira	Secretario do Departamento
	Letícia Uehara	Laboratório de Computação Gráfica
	Marcelo Perussi	Maquetaria

Fonte: Autor (2013)

Para facilitar a descrição das atividades do CAUUFPR, o programa do curso foi dividido em ateliers, salas de aula, laboratórios, gabinetes dos professores, administração e o centro acadêmico. A imagem abaixo mostra a distribuição dessas atividades que totalizam 2321 m². (FIGURA 17)



Figura 17: Localização das atividades do CAUUFPR.
Fonte: Adaptação do autor (2013)

Ateliers de projeto (QUADRO 3)

Quadro 3: Quadro de áreas com descritivo das necessidades dos ateliers do CAUUFPR.

ATIVIDADES	Nº USUÁRIOS	ÁREA ATUAL	ÁREA REFERENCIAL	OBSERVAÇÕES
Atelier 01 - tarde	30 por turno	117 m²	130 m²	Necessidade de boa iluminação e ventilação natural.
Atelier 02 – manhã /tarde	30 por turno	144 m²	130 m²	
Atelier 03 – manhã /tarde	30 por turno	173 m²	130 m²	
Atelier 04 – manhã/ tarde a partir de 2013	30	144 m²	130 m²	
Atelier 05 – manhã /tarde a partir de 2014	30	117 m²	130 m²	
Atelier 06 – manhã	30 por turno	117 m²	130 m²	Será utilizado como um atelier de apoio.
Total	359 (1)	812 m²	780 m² (área máxima necessária)	

Fonte: Autor (2013)

(1) Número total de alunos da Graduação atualmente.

Salas de aula teórica (QUADRO 4)

Quadro 4: Quadro de áreas com descritivo das necessidades das salas de aula do CAUUFPR.

ATIVIDADES	Nº USUÁRIOS	ÁREA ATUAL	ÁREA REFERENCIAL	OBSERVAÇÕES
PD 03 - manhã/tarde	30 por turno	85 m ²	80 m ²	Necessidade de boa iluminação e ventilação natural e de escurecimento total.
PD 04 - manhã/tarde	30 por turno	85 m ²	80 m ²	
PD 05 - manhã/tarde	30 por turno	56 m ²	80 m ²	
PD 06 - manhã/tarde	30 por turno	85 m ²	80 m ²	
PD 07 - manhã/tarde	30 por turno	117 m ²	80 m ²	
Total	359 (1)	428 m ²	400 m ² (área máxima necessária)	

Fonte: Autor (2013)

(1) Número total de alunos da Graduação atualmente

Laboratórios (QUADRO 5)

Quadro 5: Quadro de áreas com descritivo das necessidades dos laboratórios do CAUUFPR.

ATIVIDADES	Nº USUÁRIOS	ÁREA ATUAL	ÁREA REFERENCIAL	OBSERVAÇÕES
Laboratório Conforto Ambiental	1	57 m ²	80 m ²	Laboratório e o gabinete de Conforto estão juntos atualmente, devem ser separados.
LTHAU	1	42 m ²	42 m ²	
Laboratório de Madeira	1	20 m ²	100 m ²	Colocar as duas estruturas em um único espaço.
Maquetaria	1	57 m ²		
Laboratório de Projetos	1	28 m ²	28 m ²	Sem uso no momento.
LAHURB	14	88 m ²	88 m ²	14 ilhas de trabalho e 4 estantes.
Laboratório Computação	2	97 m ²	100 m ²	Será dividido em 2 salas, uma de aula e outra de apoio, ambas com capacidade para 30 pessoas.
CIEG	5	130 m ²	145 m ²	2 ilhas de trabalho para recepção, 3 ilhas para a coordenação e 40 computadores para sala de áudio e vídeo.
Total	26	519 m ²	583 m ² (área máxima necessária)	

Fonte: Autor (2013)

Gabinetes (QUADRO 6)

Quadro 6: Quadro de áreas com descritivo das necessidades dos gabinetes do CAUUFPR.

ATIVIDADES	Nº USUÁRIOS	ÁREA ATUAL	ÁREA REFERENCIAL	OBSERVAÇÕES
Gabinete 01 - Conforto Ambiental	1	57 m ²	10 m ²	Gabinete e o laboratório de Conforto estão juntos atualmente, devem ser separados.
Gabinete 02 - Arquitetura Brasileira	1	41 m ²	15 m ²	Gabinete e o laboratório de Arquitetura Brasileira estão juntos atualmente, devem ser separados. O gabinete de Arquitetura Brasileira será junto com o de Patrimônio Cultural.
Gabinete 03 - Teoria da Arquitetura	1	14 m ²	15 m ²	Será apenas gabinete de Teoria da Arquitetura, o gabinete de Patrimônio se juntará com o de Arquitetura Brasileira.
Gabinete 04 - Teoria da Arquitetura e Patrimônio Cultural	2	14 m ²		
Gabinete 05 - Desenho Urbano	1	14 m ²	x	O gabinete 05 e 07 virarão um só gabinete de Desenho Urbano.
Gabinete 06 - PUR	2	14 m ²	15 m ²	
Gabinete 07 - Desenho Urbano	2	14 m ²	23 m ²	O gabinete 05 e 07 virarão um só gabinete de Desenho Urbano.
Gabinete 08 - Tecnologia	3	14 m ²	23 m ²	Estes gabinetes não sofrerão alteração, apenas acréscimo ou redução de área.
Gabinete 09 - Projeto 1º ano	3	57 m ²	23 m ²	
Gabinete 10 - Projeto 2º ano	3	41 m ²	23 m ²	
Gabinete 11 - Projeto 3º ano	4	14 m ²	23 m ²	
Gabinete 12 - Projeto 4º ano	2	14 m ²	23 m ²	
Gabinete 13 - Paisagismo	2	14 m ²	15 m ²	
Gabinete 14 - Projetos Especiais	3	14 m ²	23 m ²	
CPD - térreo		7 m ²	7 m ²	
Cozinha		7 m ²	10 m ²	
Atendimento coletivo	31	84 m ²	x	Os atendimentos serão feitos dentro dos respectivos gabinetes.
Total		432 m ²	248 m ² (área máxima necessária)	

Fonte: Autor (2013)

Administração (QUADRO 7)

Quadro 7: Quadro de áreas com descritivo das necessidades da administração do CAUUFPR.

ATIVIDADES	Nº USUÁRIOS	ÁREA ATUAL	ÁREA REFERENCIAL	OBSERVAÇÕES
Secretaria	2	41 m ²	40 m ²	Espaço para balcão de atendimento, 2 estantes, 4 arquivos e 3 ilhas de trabalho.
Sala da Coordenação e do Departamento	2	58 m ²	100 m ²	Mesa de reuniões para 31 pessoas e 3 ilhas de trabalho.
Total	4	99 m ²	140 m ² (área máxima necessária)	

Fonte: Autor (2013)

Centro Acadêmico (QUADRO 8)

Quadro 8: Quadro de áreas com descritivo das necessidades do centro acadêmico do CAUUFPR.

ATIVIDADES	Nº USUÁRIOS	ÁREA ATUAL	ÁREA REFERENCIAL	OBSERVAÇÕES
Centro Acadêmico	359	31 m ²	70 m ²	
Total		31 m ²	70 m ² (área máxima necessária)	

Fonte: Autor (2013)

Biblioteca (QUADRO 9)

Quadro 9: Quadro de áreas com descritivo das necessidades da biblioteca do CAUUFPR.

ATIVIDADES	Nº USUÁRIOS	METRAGEM LINEAR	OBSERVAÇÕES
Biblioteca - Acervo Comum	399 (1)	140m	A biblioteca do CAUUFPR será junto com a biblioteca do Centro Cultural.
Biblioteca - Acervo Periódicos		65m	
Total		205m	

Fonte: Autor (2013)

(1) Total de alunos da Graduação e da Pós-Graduação.

2.5 SETOR CULTURAL UFPR

2.5.1 Coordenadoria de Cultura

A Coordenadoria de Cultura, dentro da hierarquia da Universidade, situa-se na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. Foi criada em 1990, com o objetivo de produzir, promover e difundir a arte e a cultura dentro e fora do ambiente universitário em uma tentativa de dar suporte a uma das áreas mais deficientes da instituição. Esta coordenadoria abrange atualmente a Unidade de Programação Cultural com seus seis grupos artísticos, o Museu de Arte da UFPR Musa, o Teatro da Reitoria e o TEUNI e também é responsável pela organização da maior manifestação cultural da instituição, o Festival de Inverno. (FIGURA 18) (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, 2009)

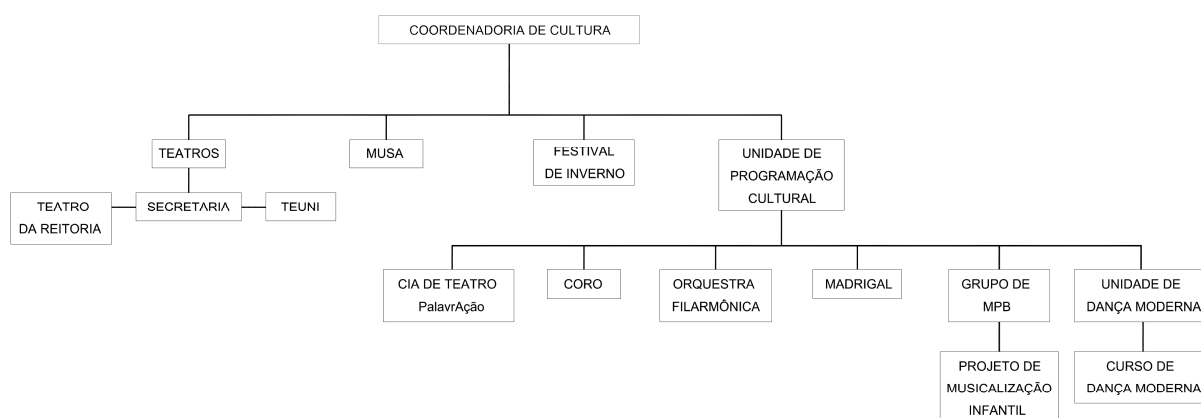


FIGURA 18: Organograma da Coordenadoria de Cultura da UFPR.
Fonte: Autor (2013)

Atualmente a Coordenadoria de Cultura conta com 24 funcionários da Universidade, distribuídos conforme a (QUADRO 10) abaixo entre as várias atividades culturais da instituição.

QUADRO 10: Quadro de funcionários da Coordenadoria de Cultura.

SETOR	NOME	FUNÇÃO
COORDENADORIA	Lúcia M. B. Mion Alves Ribeiro	Coordenadora
	Simone Aparecida Verchai	Secretária
UNID. DE PROG. CULTURAL	Patrícia Salles	Coordenadora
	Giliane Lehmkuhl	Coordenadora
	Marcos Messias	Coordenador
	Aide M. G. dos Santos	Coordenadora
TEATRO DA REITORIA	Alessandra Orciuch	Secretária
	Josney Carlos P. da Cruz	Auxiliar Eletricista
	Luiz Carlos Tschanneri	Técnico Luz e Som
	Francisco Osny Carvalho	Bilheteiro
TEUNI	Gerson Jaukoski	Técnico
MUSA	Ronaldo Santos Carlos	Chefe do Musa
	Zuleica Ribeiro dos Santos	Recepcionista
	Maria Zeli A. Ribeiro	Recepcionista
CIA. DE TEATRO PalavrAção	Hugo Mengarelli	Diretor
	Alaor de Carvalho	Assistente Direção
CORAL + MADRIGAL	Alvaro Nadolny	Regente
	Karine Ferrer G. da Silva	Pianista
GRUPO DE MPB	Doriane Rossi	Regente
ORQUESTRA FILARMÔNICA	Harry Lamott Crowl Junior	Diretor Artístico
	Marcio Steuernagel	Regente
TESSERA CIA. DE DANÇA	Rafael Pacheco	Diretor Artístico
	Cristiane do Rocio Wosniak	Coreógrafa
	Juliana Virtuoso	Coreógrafa

Fonte: Autor (2013)

O que une o trabalho destes agentes culturais é a filosofia de levar a cultura para fora dos limites da Universidade, ao maior público possível. Para alcançar este objetivo todas as atividades são inteiramente gratuitas, mesmo quando convidados a participar de eventos externos à Universidade, nenhum dos grupos cobra cachê. (CASIMIRO, 2007)

As atividades dirigidas pela Coordenadoria de Cultura, exceto o Teatro da Reitoria, encontram-se localizadas no Edifício Central (FIGURA 19), que será objeto de intervenção na segunda etapa deste trabalho. A imagem abaixo mostra a distribuição dessas atividades dentro do Prédio que totalizam 1817 m².



Fig. 19: Localização das atividades culturais no Edifício Central.
Fonte: Adaptação do autor (2013)

De acordo com a Coordenadoria de Cultura da UFPR, as atividades culturais, dividem-se em quatro categorias: Grupos Artísticos, Espaço Cultural, Espaços Cênicos e Eventos.

2.5.1.1 Grupos Artísticos

Coro da UFPR + Madrigal da UFPR

O Coro da UFPR foi fundado em 17 de outubro de 1958, pelo Maestro Mário Garau, atualmente, é composto por 60 integrantes. Desde 1988, o principal objetivo do Coro tem sido com a formação individual de cada cantor e o ensino e pesquisa de Técnica Vocal, Canto e Interpretação. Atualmente junto com a Coro, existe o Madrigal UFPR, que é um grupo formado por 21 cantores oriundos do Coro da UFPR desde 2010 (QUADRO 11). Em 2012, pelo destaque e reconhecimento público de seu trabalho, o Madrigal se torna o mais novo Grupo Artístico da Universidade Federal do Paraná. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, 2009)

QUADRO 11: Quadro de áreas com descritivo das necessidades do Coro e do Madrigal UFPR.

ATIVIDADES	Nº USUÁRIOS	ÁREA ATUAL	ÁREA REFERENCIAL	OBSERVAÇÕES
Sala de Ensaios Coro	60	120 m²	100 m²	Espaço com pé direito baixo e um bom isolamento acústico.
Sala de Ensaios Madrigal	21			
Espaço Administrativo	2	21 m²	15 m²	Sala com computador, copiadora e arquivo.
Total	83	121 m²	115 m² (área máxima necessária)	

Fonte: AUTOR (2013)

Orquestra Filarmônica da UFPR

A Orquestra Filarmônica da UFPR foi fundada em 1962, em uma iniciativa do maestro Gedeão Martins. Primeira orquestra da cidade e uma das primeiras do Paraná, por ela passaram centenas de músicos, inclusive muitos dos atuais

integrantes da Orquestra Sinfônica do Paraná e outros que fizeram carreiras de destaque nacional e internacional. Seu trabalho sem dúvida foi fundamental para o cenário musical paranaense. Hoje, a Filarmônica da UFPR realiza atividade de prática de orquestra com a execução de diversos repertórios da música erudita e, atualmente, conta com 45 instrumentistas (QUADRO 12). (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, 2009)

QUADRO 12: Quadro de áreas com descritivo das necessidades da Orquestra Filarmônica.

ATIVIDADES	Nº USUÁRIOS	ÁREA ATUAL	ÁREA REFERENCIAL	OBSERVAÇÕES
Sala de Ensaios Gerais	45	126 m²	100 m²	Tratamento acústico adequado.
Espaço Administrativo	2	25 m²	15 m²	Parte do acervo da orquestra pode fazer parte do acervo da biblioteca do centro cultural.
Depósito de instrumentos 1		19 m²	35 m²	
Depósito de instrumentos 2		26 m²		
Depósito de instrumentos 3		21 m²		
Ensaio de cordas 15/45	x	x	22 m²	Tratamento acústico adequado.
Ensaio de sopro 15/45			22 m²	
Ensaio de percussão 15/45			22 m²	
TOTAL	47	217 m²	216 m² (área máxima necessária)	

Fonte: AUTOR (2013)

Unidade de Dança UFPR

Criada no ano de 1981, a Unidade de Dança da UFPR desenvolve um trabalho de ensino, pesquisa e extensão dividido estruturalmente em dois núcleos: o Curso de Dança Moderna e a Têssera Companhia de Dança da UFPR que atendem cerca de 120 integrantes. A companhia principal do grupo de dança a Têssera é formada por 25 bailarinos (QUADRO 13). Com uma história marcada pela inovação e excelência, a Têssera Companhia de Dança da UFPR conquistou diversos prêmios nacionais e internacionais. (CASIMIRO, 2007)

QUADRO 13: Quadro de áreas com descritivo das necessidades da Unidade de Dança UFPR.

ATIVIDADES	Nº USUÁRIOS	ÁREA ATUAL	ÁREA REFERENCIAL	OBSERVAÇÕES
Estúdio de Dança I	120	133 m²	120 m²	Piso adequado e um bom tratamento de iluminação e sonorização.
Estúdio de Dança II		134 m²	120 m²	Piso adequado e um bom tratamento de iluminação e sonorização.
Espaço Administrativo	3	54 m²	20 m²	
Sala de figurino e cenário		11 m²	30 m²	
Arquivo áudio visual	×	×	10 m²	Parte do acervo da dança pode fazer parte do acervo da biblioteca do centro cultural.
Vestiário feminino	×	×	25 m²	Serão exclusivos do curso.
Vestiário masculino	×	×	25 m²	
TOTAL	123	332 m²	350 m² (área máxima necessária)	

Fonte: AUTOR (2013)

Grupo de MPB da UFPR

O Grupo de MPB nasceu em 1994 a partir do Coral da UFPR, que tinha por objetivo criar um coral de música popular brasileira e demonstrar a sua importância em nossa cultura. É formado por 24 integrantes oriundos da comunidade interna e externa à Universidade (QUADRO 14). Comungam o propósito de pesquisar e difundir a música brasileira, ao mesmo tempo, explorar e aprimorar as possibilidades da voz como recurso artístico. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, 2009)

QUADRO 14: Quadro de áreas com descritivo das necessidades do Grupo de MPB da UFPR.

ATIVIDADES	Nº USUÁRIOS	ÁREA ATUAL	ÁREA REFERENCIAL	OBSERVAÇÕES
Sala de Ensaio	24	119 m ²	100 m ²	Espaço com pé direito baixo e um bom isolamento acústico.
Sala de Estudos Individuais		10 m ²	10 m ²	
Depósito de instrumentos	1	6 m ²	8 m ²	
Espaço Administrativo	x	x	17 m ²	Sala com computador e arquivo.
TOTAL	25	135 m ²	135 m ² (área máxima necessária)	

Fonte: AUTOR (2013)

Companhia de Teatro PalavrAção da UFPR

A Companhia de Teatro PalavrAção da UFPR foi fundada em 1995 pelo professor Hugo Mengarelli. Composta por 13 integrantes (QUADRO 15) tem como seus objetivos fazer pesquisa e levar a linguagem do teatro aos mais diferentes públicos. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, 2009)

QUADRO 15: Quadro de áreas com descritivo das necessidades do PalavrAção.

ATIVIDADES	Nº USUÁRIOS	ÁREA ATUAL	ÁREA REFERENCIAL	OBSERVAÇÕES
Sala de Ensaio I	13	139 m ²	139 m ²	Boa iluminação e ventilação natural.
Sala de Ensaio II		73 m ²	×	Sala subutilizada, por isso está sendo cortada do programa.
Sala de apoio	2	39 m ²	20 m ²	
Figurino		16 m ²	16 m ²	Necessidade de uma estrutura adequada para guarda dos figurinos.
Espaço Administrativo		13 m ²	10 m ²	Espaço para uma ilha de trabalho.
TOTAL	15	280 m ²	185 m ² (área máxima necessária)	

Fonte: AUTOR (2013)

2.5.1.2 Espaço Cultural

Museu de Arte da UFPR – MusA

Inaugurado em 2002 no primeiro andar do prédio histórico da Universidade, realiza diversas exposições de arte, dedicado à promoção e desenvolvimento de todas as formas de conhecimento e ao ensino para a formação e capacitação de pessoas em todas as áreas do conhecimento (QUADRO 16). O MusA é uma unidade pertencente à Coordenadoria de Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e tem como idéia principal estimular um maior envolvimento entre as unidades didático-pedagógicas da instituição, buscando aproximar arte e ciência, disseminando o conhecimento acadêmico por meio de exposições, mostras, palestras e ação educativa. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, 2009)

QUADRO 16: Quadro de áreas com descritivo das necessidades do PalavrAção.

ATIVIDADES	Nº USUÁRIOS	ÁREA ATUAL	ÁREA REFERENCIAL	OBSERVAÇÕES
Sala de Exposições	3	276 m ²	276 m ²	Adequar o museu as normas de acessibilidade.
Recepção		24 m ²	24 m ²	
Reserva técnica		38 m ²	38 m ²	Prever local adequado para reversa técnica, diferente do atual.
TOTAL	3	338 m ²	338 m ² (área máxima necessária)	

Fonte: AUTOR (2013)

2.5.1.3 Espaços Cênicos

Compreende o Teatro da Reitoria e o Teatro Experimental da UFPR - TEUNI, mas como se encontra fora dos limites do Edifício Central, o Teatro da Reitoria não será alvo de análise desta pesquisa.

TEUNI – Teatro Experimental da UFPR

O TEUNI, inaugurado em 1998, foi idealizado pelo professor Hugo Mengarelli e realizado graças ao apoio da Companhia de Teatro PalavrAção. Criado segundo a concepção de teatro Black-Box, para abrigar exposições convencionais e não convencionais, peças teatrais, espetáculos de dança, recitais de poesia, workshops, shows de rock ou concertos de música erudita, além de cinema e vídeo. Assim como o Teatro da Reitoria, atende prioritariamente a programação de eventos da Universidade, mas pode também ser alugado para eventos externos. Esse espaço cênico tem capacidade para receber 85 pessoas (QUADRO 17), dispostas em uma platéia móvel que pode ser adaptada a distintas montagens artísticas. As características híbridas deste teatro permitem aos seus usuários realizar experiências que um teatro maior não permitiria. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, 2009)

QUADRO 17: Quadro de áreas com descritivo das necessidades do TEUNI.

ATIVIDADES	Nº USUÁRIOS	ÁREA ATUAL	ÁREA REFERENCIAL	OBSERVAÇÕES
Palco		112 m ²	150 m ²	aumentar a capacidade do palco
Platéia	85			manter as características híbridas da platéia
Área técnica - Luz/Som	1	75 m ²	75 m ²	
Camarins		36 m ²	50 m ²	dividir o espaço em 2 camarins, masculino e feminino
Banheiro		19 m ²	x	utilizara os banheiros do Centro Cultural
Depósito	x	x	30 m ²	Área proposta.
TOTAL	86	242 m ²	305 m ²	(área máxima necessária)

Fonte: AUTOR (2013)

2.5.1.4 Eventos

Festival de Inverno da UFPR

O Festival de Inverno da UFPR, desde sua primeira edição em 1990, propicia a abertura de um espaço alternativo de aprendizagem prática, crítica e reflexiva, numa verdadeira articulação entre ensino, pesquisa e extensão. Ocorrendo principalmente durante oito dias do mês de julho, o Festival de Inverno da UFPR teve 22 edições ininterruptas e constitui-se como atividade única na Região Sul, onde oficinas, exposições e espetáculos são direcionados tanto para pessoas experientes quanto para iniciantes nas áreas artísticas (QUADRO18). (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, 2009)

QUADRO 18: Quadro de áreas com descritivo das necessidades do TEUNI.

ATIVIDADES	Nº USUÁRIOS	ÁREA ATUAL	ÁREA REFERENCIAL	OBSERVAÇÕES
Almoxarifado	6	32 m ²	32 m ²	Deve estar diretamente conectado à Coordenadoria de Cultura.
TOTAL	6	32 m ²	32 m ²	(área máxima necessária)

Fonte: AUTOR (2013)

3 ANÁLISE DE CORRELATOS

Os estudos de caso foram selecionados com objetivo de analisar processos e decisões arquitetônicas. Seguindo os sub-temas apresentados na fundamentação teórica, três obras construídas foram analisadas em vários aspectos específicos.

O primeiro projeto alvo de estudo é a Cidade da Música de Paris, do Atelier Christian de Portzamparc, foi analisado por ter um programa semelhante ao que será proposto na refuncionalização do Edifício Central, pela maneira com que foram solucionadas as questões acústicas nos diversos espaços do edifício e principalmente pela decisão do arquiteto em separar o programa complexo em duas edificações, pois considerou complicado misturar usos públicos com privados, decisão essa que os fez vencedores do concurso.

O Milstein Hall, do escritório OMA, foi analisado por abordar a complexidade do programa de uma maneira totalmente inversa a Cidade da Música, estudar essas duas decisões será de extrema importância para decidir que postura adotar diante do complexo programa que a proposta de refuncionalização do Edifício Central se propõe a resolver. Outros elementos importantes neste projeto são o uso dos espaços comuns para gerar interação entre os diferentes usuários do edifício, a proposta de seu auditório híbrido que em muito se assemelha ao TEUNI e por se tratar de uma Faculdade de Arquitetura.

A Pinacoteca do Estado de São Paulo, projeto de Paulo Mendes da Rocha, foi analisada primeiramente por sua semelhança em planta com o Edifício Central, mas principalmente pela postura do arquiteto em relação ao prédio original, não fazendo deste o protagonista da obra e justamente por isso conseguindo um resultado satisfatório.

3.1 CIDADE DA MÚSICA - PARIS, FRANÇA - CHRISTIAN DE PORTZAMPARC

3.1.1 Dados Gerais

Em 1984 o então presidente da França, François Mitterrand, decidiu revitalizar um bairro operário do norte de Paris construindo um complexo dedicado à música em um terreno disponível no extremo sul do Parque La Villette. Como o Conservatório Nacional de Música necessitava de uma ampliação, convocou-se um concurso internacional de projetos para a criação deste complexo, vencido por Christian Portzamparc.

O complexo é dividido em duas alas, o edifício da ala oeste, onde está localizado o Conservatório Nacional Superior de Música e Dança de Paris e a edificação da ala leste onde acham-se as funções culturais públicas, estas duas alas convergem em uma praça em frente ao Grande Halle (FIGURA 20).

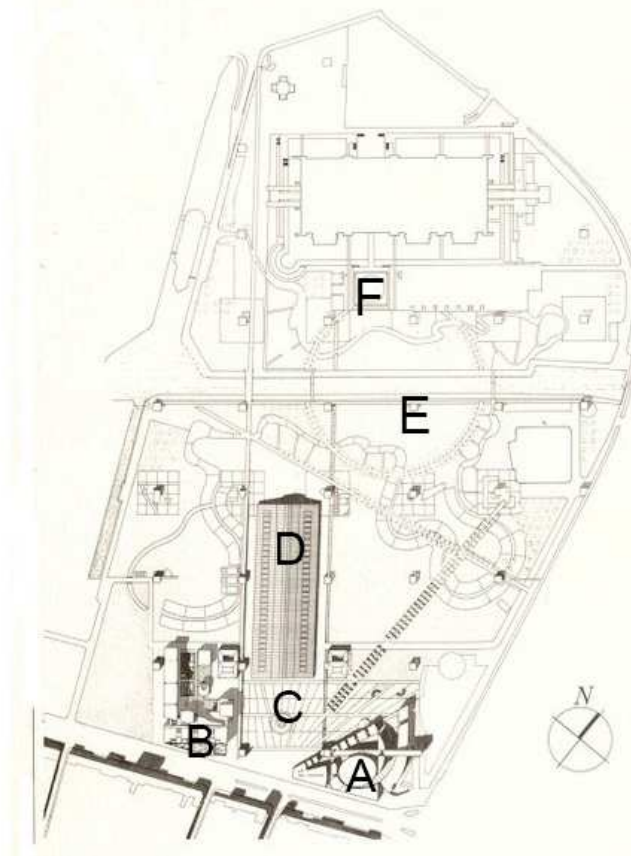


FIGURA 20: Planta de Situação: **A.** Ala Oeste; **B.** Ala Leste; **C.** Praça; **D.** Grande Halle; **E.** Parque LA Villette; **F.** Cidade da Ciência.

Fonte: MI MOLESKINE ARQUITETÓNICO (2009), modificado pelo autor.

A ala oeste da Cidade da Música (FIGURA 21) foi finalizada em 1990 enquanto a ala leste (FIGURA 22) foi concluída em 1995, totalizando 80.000 m² de área construída, metade para cada ala.



FIGURA 21: Cidade da música, vista do edifício da ala oeste.
Fonte: MI MOLESKINE ARQUITETÓNICO (2009)



FIGURA 22: Cidade da música, vista do edifício da ala leste.
Fonte: MI MOLESKINE ARQUITETÓNICO (2009)

3.1.2 Partido

O extenso programa da Cidade da Música foi dividido em duas edificações distintas, a edificação da ala Leste, de forma triangular abriga as instalações culturais públicas. A edificação da ala Oeste, com uma planta quadrada abriga o Conservatório Nacional de Música (FIGURA 23).

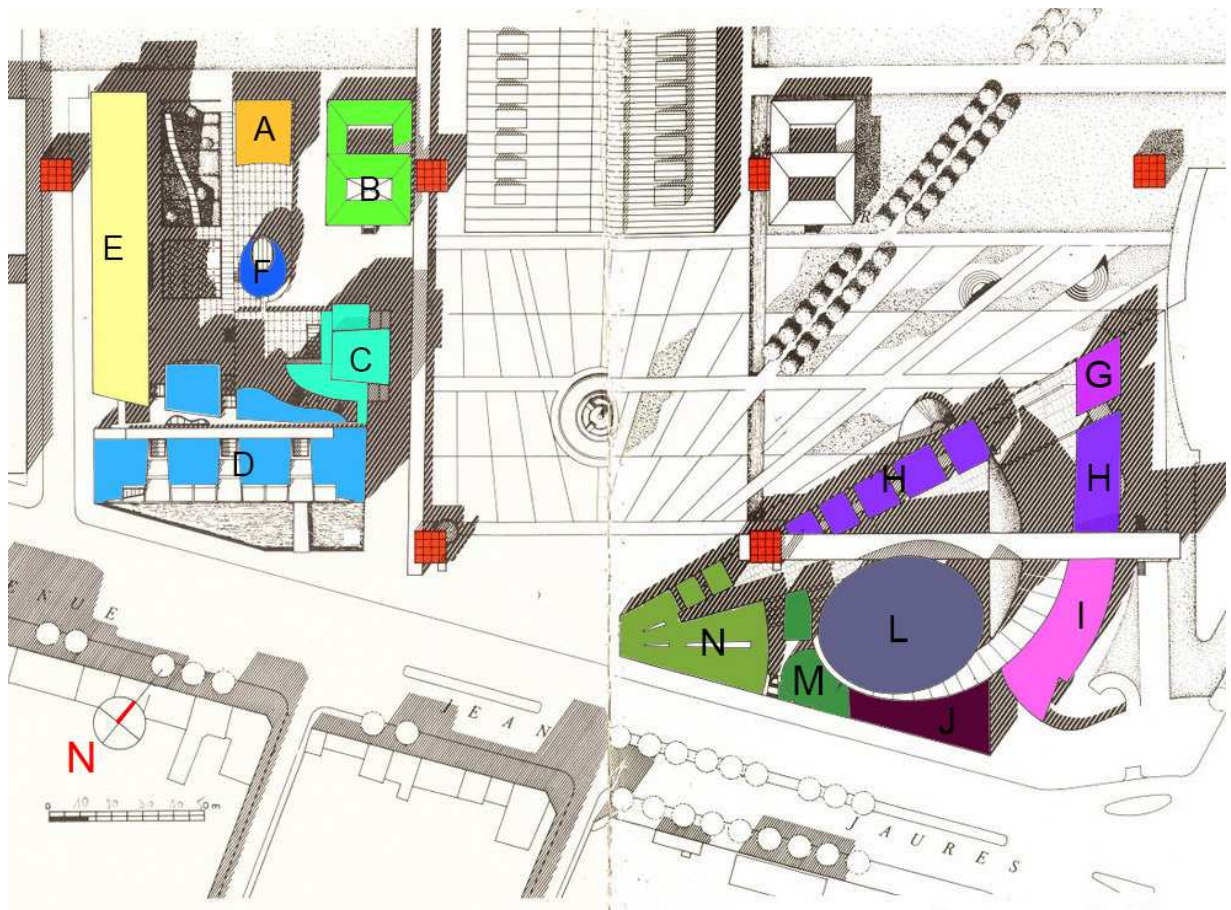


FIGURA 23: Distribuição do programa do na ala Oeste: **A.** Arte lírica; **B.** Teatro atual; **C.** Dança; **D.** Estúdios; **E.** Alojamento de estudantes; **F.** Órgão. Na ala Leste: **G.** Instituto Pedagógico Musical; **H.** Centro de Instrumentos Musicais; **I.** Alojamento de estudantes; **J.** Sede da Orquestra Inter Contemporânea; **L.** Sala de concertos e anexos; **M.** Salas de ensaio da Orquestra; **N.** Ensaio gerais. Fonte: MI MOLESKINE ARQUITETÓNICO (2009), modificado pelo autor.

De acordo com o arquiteto:

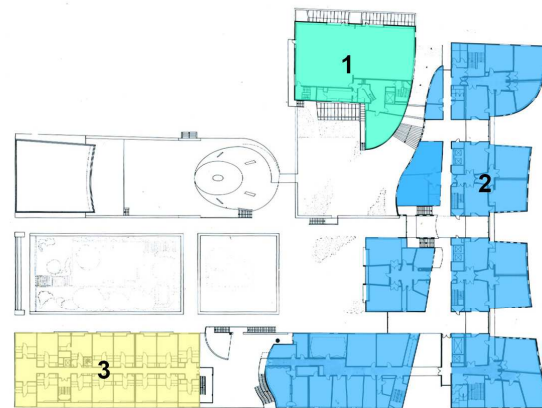
No projeto para o concurso era necessário organizar toda a Cidade da Música, incluindo os espaços abertos ao público e os espaços dedicados aos alunos. Tivemos que organizar estes programas em dois locais separados [...] Ao mesmo tempo, eles só queriam uma entrada. Todos os outros participantes estavam enlouquecendo com essa demanda, eu pensei

que era um erro, e decidi que seria melhor ter a parte escolar de um lado e a parte pública do outro, porque era muito difícil misturar a parte pública com a parte do conservatório. Então, eu tinha dois tipos muito diferentes de problema. A parte do conservatório, na ala oeste, [...] uma universidade, com um grande número de estúdios, muitos tipos de auditório e muitos tipos de sala de música. O outro lado, na ala leste, um espaço para diferentes usos, com uma sala de concerto, um museu, a sede de uma orquestra, alguns alojamentos, um laboratório para a música, e um café [...] mas as duas alas nunca estão completamente descoladas, nem foram projetadas separadamente. Elas são necessariamente relacionadas entre si. (GA DOCUMENT EXTRA 04, 1995, p. 28, tradução do autor)

Este projeto é um híbrido de grande liberdade, mas também de grande especificidade em determinados locais, administrar a disparidade de usuários mostrou-se muito complicada, por isso a preocupação do arquiteto em fundir o complexo programa em uma única edificação, mesmo existindo muitas semelhanças entre eles. Todos os espaços tiveram de ser organizados dentro de relações muito precisas. (GA DOCUMENT EXTRA 04, 1995)

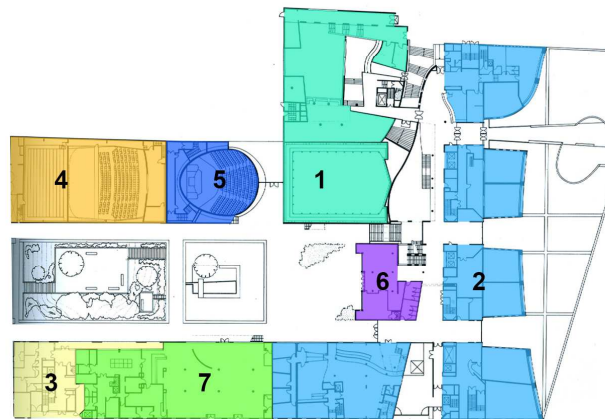
Na ala oeste encontra-se o grupo de edifícios que abrigam o Conservatório Nacional Superior de Música e Dança de Paris. Esta ala possui uma forma mais racional que o prédio das instalações culturais públicas, com circulações claras e edifícios claramente organizadas em torno de um pátio central. Os únicos elementos que contrastam com a rigidez das formas dessa ala, são a forma cônica da sala de audiência de órgão e a cobertura ondulada que cobre o prédio dos alojamentos.

Sua estrutura é composta por 70 salas de aula, 3 salas para audiência pública (órgão, arte lírica e interdisciplinar), 100 estúdios, 54 alojamentos para os estudantes, ginásio para atividades físicas, refeitório e as áreas técnicas. Seu programa foi desenvolvido com a próxima colaboração dos professores e da administração do conservatório. (FIGURA 24 e 25)



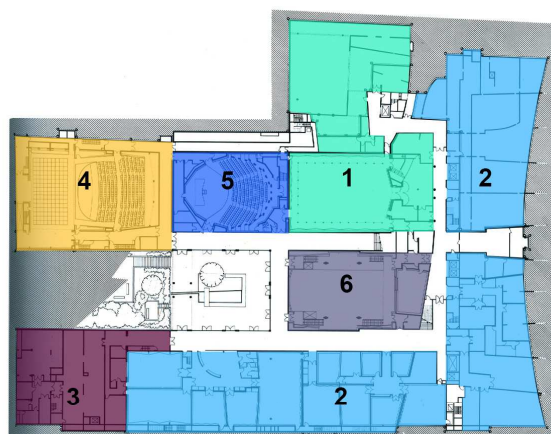
- 1. ENSINO DE DANÇA
- 2. ESTÚDIOS
- 3. ALOJAMENTOS

PLANTA TIPO



- 1. ENSINO DE DANÇA
- 2. ESTÚDIOS
- 3. ALOJAMENTOS
- 4. SALA DE AUDIÊNCIA - LÍRICO
- 5. SALA DE AUDIÊNCIA - ORGÃO
- 6. ÁREA PÚBLICA

PLANTA TÉRREO



- 1. ENSINO DE DANÇA
- 2. ESTÚDIOS
- 3. ÁREA TÉCNICA
- 4. SALA DE AUDIÊNCIA - LÍRICO
- 5. SALA DE AUDIÊNCIA - ORGÃO
- 6. SALA DE AUDIÊNCIA - INTERDISCIPLINAR

PLANTA SUBSOLO

FIGURA 24: Plantas da ala oeste.
 Fonte: GA DOCUMENT EXTRA 04 (1995), modificado pelo autor.

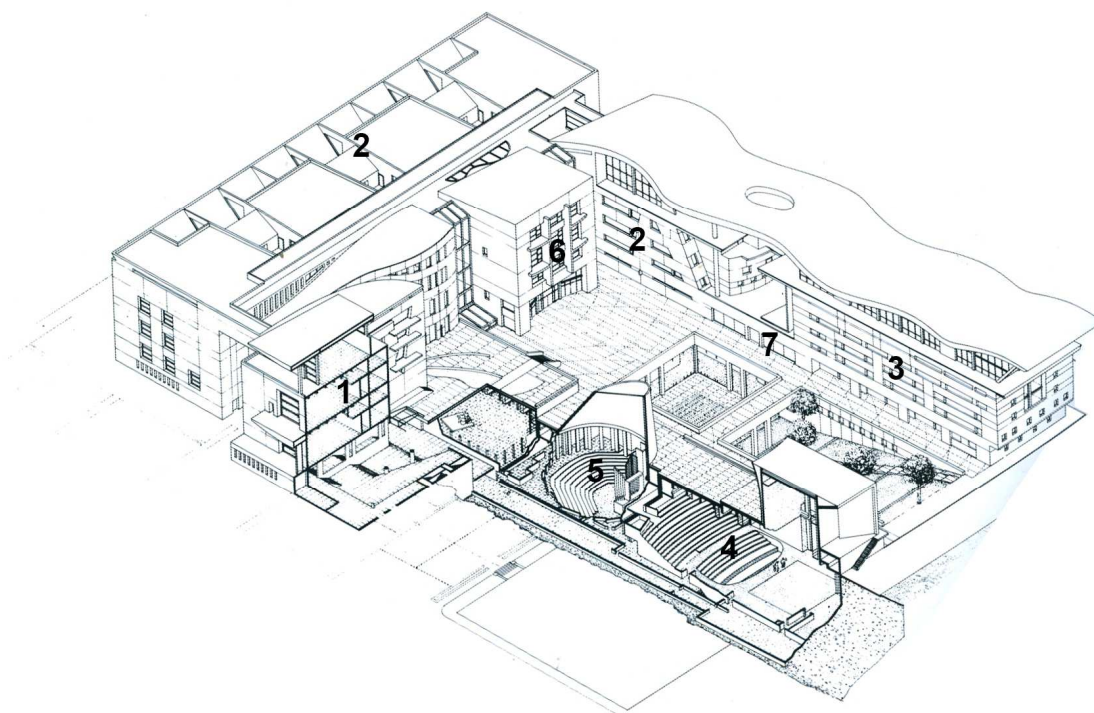
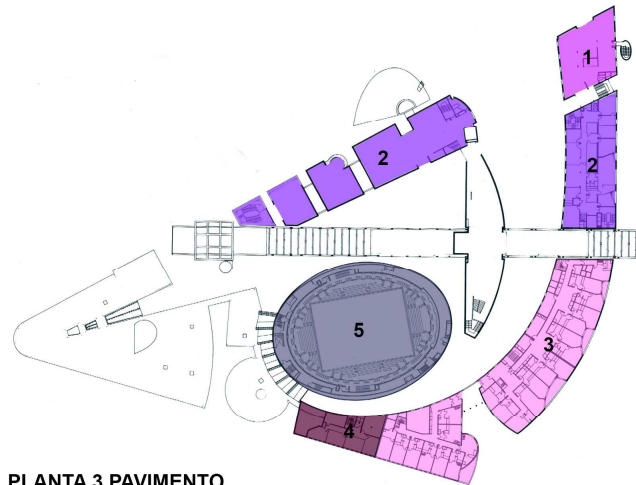


FIGURA 25: Axométrica da ala oeste: 1. Ensino de Dança; 2. Estúdios; 3. Alojamento; 4. Sala de Audiência - Arte Lírica; 5. Sala de Audiência - Órgão; 6. Sala de Audiência - Interdisciplinar; 7. Refeitório.

Fonte: GA DOCUMENT EXTRA 04 (1995), modificado pelo autor.

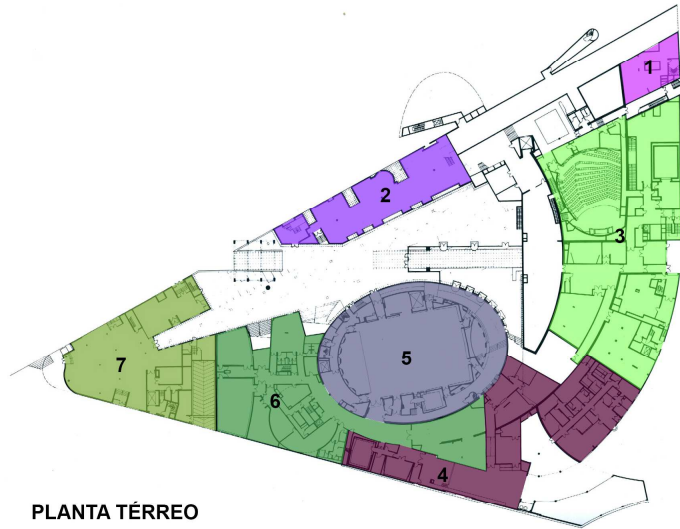
Nas plantas da ala oeste pode-se notar claramente a estratégia de Portzamparc de subdividir a massa do edifício em pequenos volumes, tornando muito mais fácil a resolução do problema de isolamento acústico entre as diferentes atividades que ocorrem no prédio.

O edifício da parte leste da Cidade da Música é a área mais emblemática e escultural do conjunto. É nesta ala que estão localizadas as atividades culturais públicas, que acomodam a sede da Orquestra, os escritórios do Instituto de Pedagogia de Música e Dança, uma sala de concertos híbrida que varia de 800 à 1200 lugares dependendo da configuração, anfiteatro com 240 lugares, dois estúdios para ensaios, videoteca interativa, centro de documentação, laboratório de restauração de instrumentos, café restaurante, 85 alojamentos para estudantes, dois estúdios de ensaio, um museu de música, a mediateca, os escritórios da Cidade da Música, biblioteca multimídia, centro de escritórios de informação e o Café da Música. (FIGURA 26, 27 e 28)



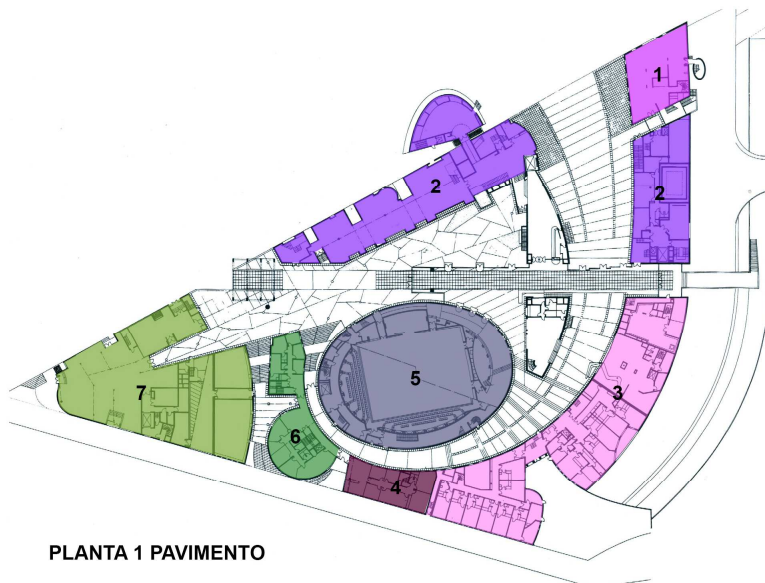
PLANTA 3 PAVIMENTO

1. INSTITUTO PEDAGÓGICO MUSICAL
2. CENTRO DE INSTRUMENTOS MÚSICAIS
3. ALOJAMENTO
4. SEDE DA ORQUESTRA



PLANTA TÉRREO

1. INSTITUTO PEDAGÓGICO MUSICAL
2. CENTRO DE INSTRUMENTOS MÚSICAIS
3. ANFITEATRO
4. SEDE DA ORQUESTRA
5. SALA DE CONCERTOS
6. SALA DE ENSAIOS DA ORQUESTRA
7. ENSAIOS GERAIS



PLANTA 1 PAVIMENTO

1. INSTITUTO PEDAGÓGICO MUSICAL
2. CENTRO DE INSTRUMENTOS MÚSICAIS
3. ALOJAMENTOS
4. SEDE DA ORQUESTRA
5. SALA DE CONCERTOS
6. SALA DE ENSAIOS DA ORQUESTRA
7. ENSAIOS GERAIS

FIGURA 26: Plantas da ala leste.
Fonte: GA DOCUMENT EXTRA 04 (1995), modificado pelo autor.

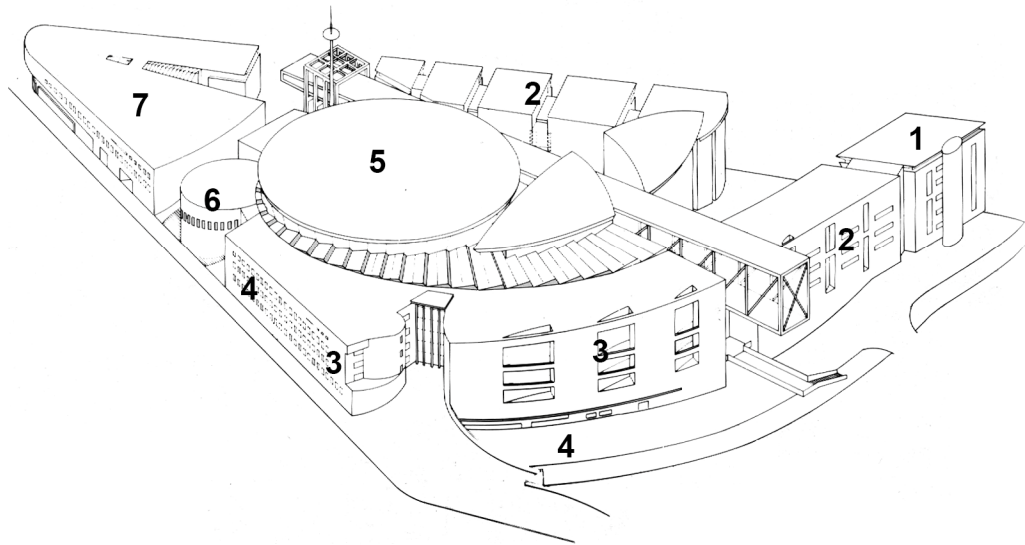


FIGURA 27: Axométrica da ala leste: 1. Instituto Pedagógico Musical; 2. Centro de Instrumentos Musicais; 3. Alojamento; 4. Sede da Orquestra; 5. Sala de Concertos; 6. Sala de Ensaios da Orquestra; 7. Ensaaios Gerais.

Fonte: GA DOCUMENT EXTRA 04 (1995), modificado pelo autor.

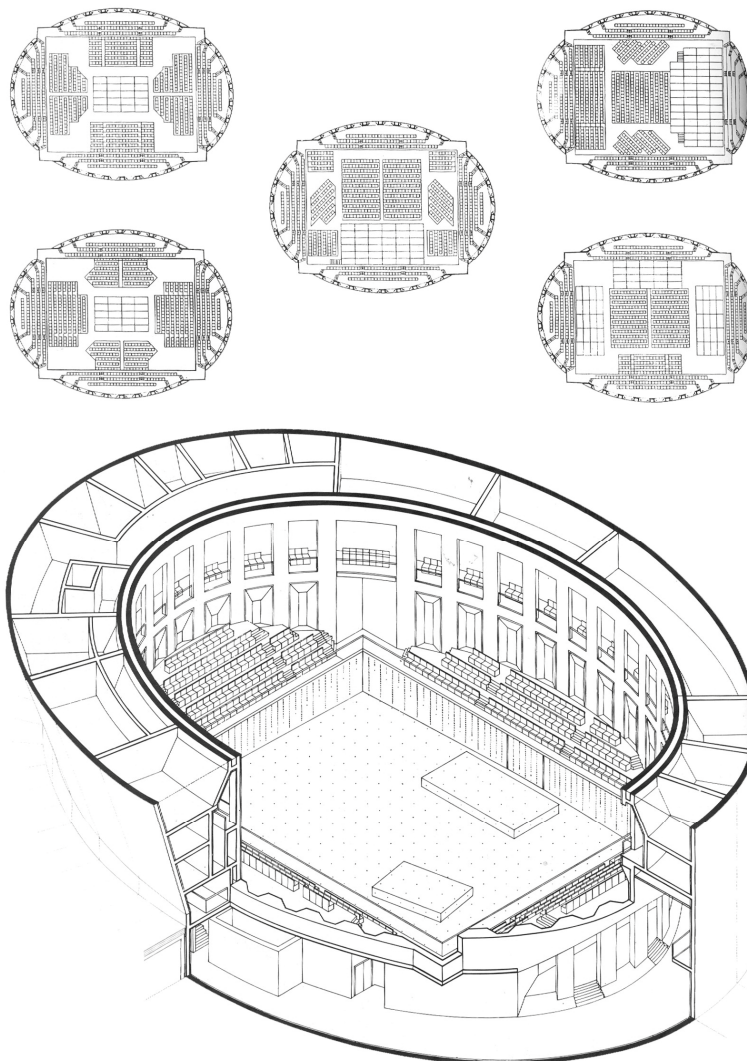


FIGURA 28: Axométrica da Sala de Concertos mostrando as mudanças de configuração de platéia.

Fonte: GA DOCUMENT EXTRA 04 (1995)

A Sala de Concertos foi projetada para permitir a execução de repertórios muito diversificados, tradicional ou contemporâneo. Dependendo da configuração adotada, a sua capacidade pode variar de 800 à 1200 assentos. Organizado em torno de um palco modular, permite a adaptação de muitos dispositivos cênicos.

Portzamparc tratou o problema do isolamento acústico, não no edifício como um todo, mas parte por parte. Isso fica bem evidente nas imagens 26 e 28. A vedação dos sons é feita no perímetro de cada volume do edifício, permitindo que várias atividades ruidosas ocorram simultaneamente e também resolvendo os problemas referentes a iluminação natural no prédio. (FIGURA 29 e 30)



FIGURA 29: Sala de Concertos.
Fonte: Cité de la Musique (2012)

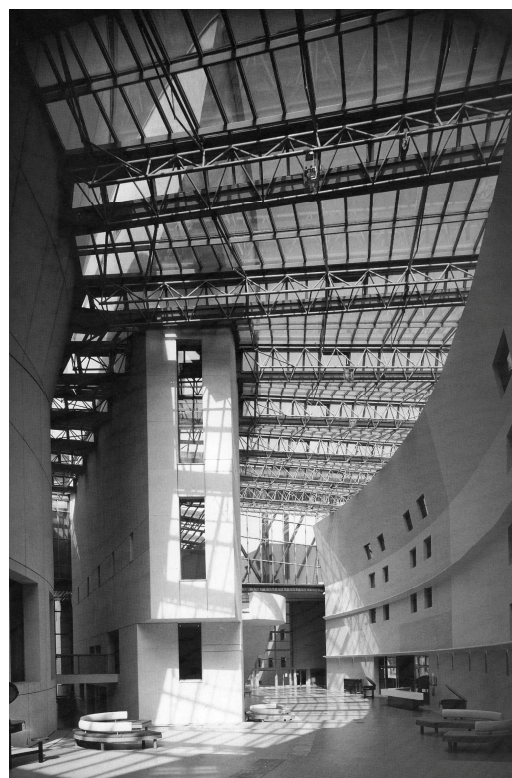


FIGURA 30: Subdivisão dos volumes do prédio.
Fonte: GA DOCUMENT EXTRA 04 (1995)

3.1.3 Crítica

A decisão do arquiteto em dividir as atividades que foram instaladas em cada uma das alas da Cidade da Música mostrou-se correta, pois misturar atividades didáticas com as de uso público em um programa tão vasto e complexo criaria uma confusão de fluxos que prejudicaria o funcionamento do complexo.

A estratégia adotada por Portzamparc de subdivisão dos espaços em blocos independentes mostrou-se uma importante ferramenta tanto no processo de design devido às várias alterações pelo qual o projeto passou quanto para solucionar as questões referentes ao isolamento acústico entre os diferentes espaços no conservatório e nas áreas públicas. Esta estratégia também foi muito útil para solucionar os problemas referentes a iluminação natural nas edificações do complexo.

Isso tornou muito mais fácil a resolução do problema de isolamento acústico entre as diferentes atividades que ocorrem no prédio, permitindo que estas ocorram simultaneamente sem interferência as outras atividades.

Estes mesmos cuidados devem ser tomados no projeto do Edifício Central.

3.2 MILSTEIN HALL - ITHACA, NOVA YORK – OMA

3.2.1 Dados Gerais

O Millstein Hall é uma ampliação de mais de 2.000 m² para a Faculdade de Arquitetura, Arte e Planejamento da Universidade de Cornell (AAP), em Nova York. Inaugurado em outubro de 2011, este projeto foi concebido pelos arquitetos Shohei Shigematsu e Rem Koolhaas, em colaboração com Ziad Shehab do escritório OMA.

A proposta consiste na criação de um prisma envidraçado (FIGURA 31) feito em estrutura metálica que conecta os dois prédios existentes que necessitavam de um espaço de interligação adequado, unificando as edificações (FIGURA 32).



FIGURA 31: Vista do edifício avançando sobre a avenida universitária e a fábrica de fundição.
Fonte: Archdaily (2011)



FIGURA 32: Perspectiva do prédio conectado com os edifícios existentes.
Fonte: Archdaily (2011)

De acordo com o arquiteto Shohei Shigematsu:

[...] nossa ambição para o volume superior é que ele possa servir como uma plataforma pedagógica para os departamentos de arte, arquitetura e planejamento [...] Tenho certeza de que os alunos e professores vão gerar usos e condições inesperadas que vão além do que planejamos para ele. (ARCHDAILY,2011)

A proposta também contempla um grande auditório híbrido, salas de aula, salas de exposições, etc.

3.2.2 Partido

Atualmente, a faculdade está abrigada em quatro edifícios separados, que são distintos no estilo arquitetônico e no uso programático, porém similares em tipologia. Em vez de criar um novo bloco dentro do campus, o prédio atua como um complemento para os edifícios da AAP, criando um conjunto unificado de espaços interligados. O projeto oferece 4379 m² de áreas adicionais à faculdade,

acrescentando espaço para os estúdios, exposições e um auditório híbrido de 253 lugares. (FIGURA 33)

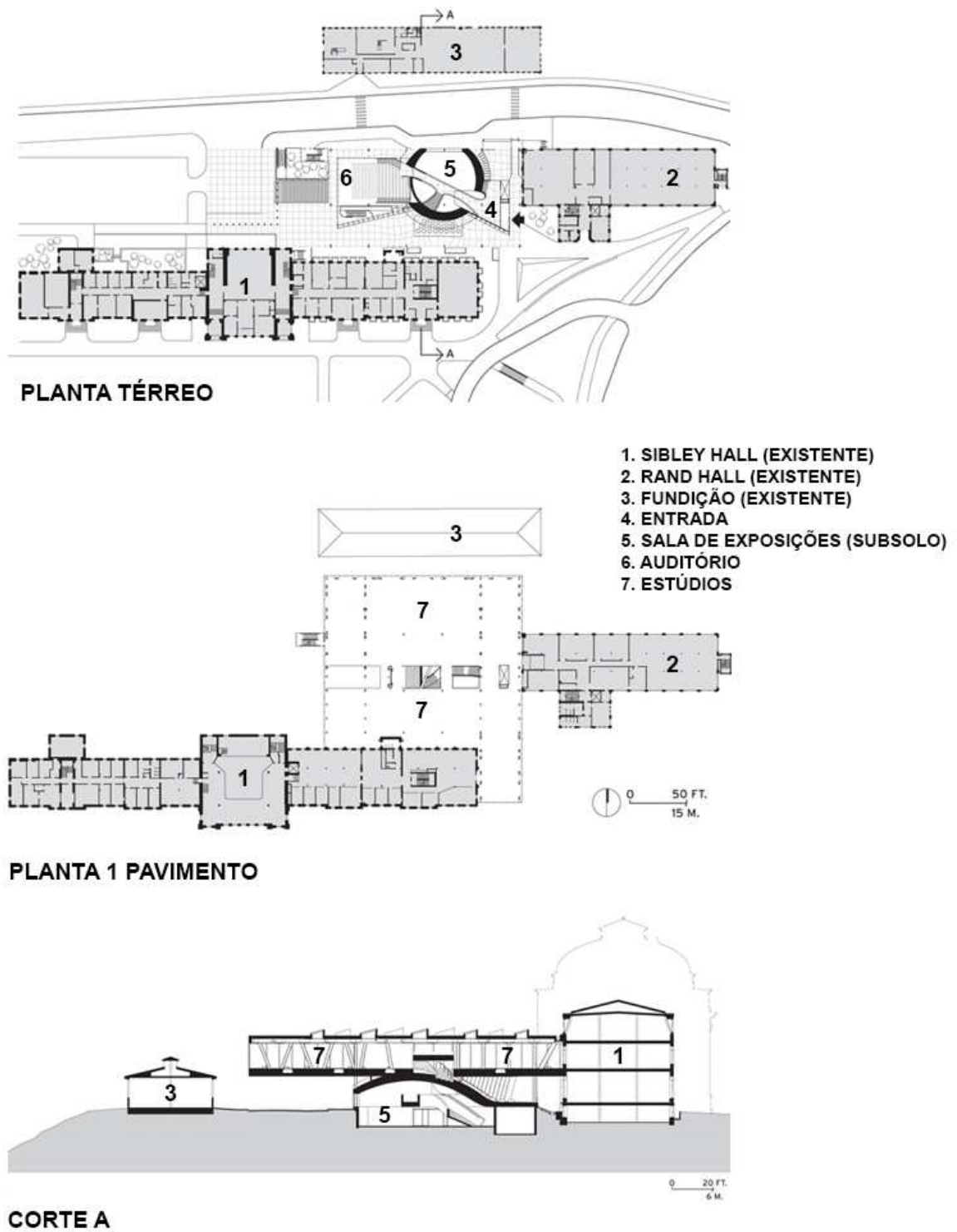


FIGURA 33: Plantas e Corte do edifício.
Fonte: Archdaily (2011)

Um grande prisma horizontal elevado faz a conexão com os edifícios existentes fornecendo 2330 m² de espaço para estúdios com vista panorâmica sobre o ambiente circundante. Este volume é vedado com vidro do piso ao teto e possui uma cobertura verde com 41 claraboias. Acima e abaixo dos panos de vidro da fachada, o prisma é revestido verticalmente com finas camadas de mármore turco numa tentativa de contextualizar o edifício novo com os existentes. Este volume superior avança em balanço quase 15 metros sobre avenida do campus para estabelecer uma relação com a fábrica de fundição, terceira instalação existente da AAP. A vasta extensão interna do volume, sustentado por um sistema de tesouras híbridas, estimula a interação e permite o uso flexível do espaço.

A iluminação é programada por um sistema altamente personalizável e eficiente que equilibra a luz do dia feita pelas claraboias da cobertura com a luz artificial. O conforto ambiental do estúdio é mantido por feixes refrigerados no teto, reduzindo o uso de climatização mecânica. O aquecimento é feito através da laje de concreto com sistema de piso aquecido. A eficiência dos sistemas mecânicos e a abundância de luz natural são possíveis devido ao uso de vidros de alto desempenho nas fachadas. (FIGURA 34)



FIGURA 34: Vista estúdio.
Fonte: Arcoweb (2012)

O térreo acomoda um auditório de 253 lugares e uma cúpula que abriga um espaço de 465 m² para exposição e crítica dos trabalhos. A materialidade do nível inferior, em concreto aparente contrasta com a leveza da estrutura do volume superior em aço e vidro.

A partir da entrada principal, uma ponte de concreto medindo 21 metros através do espaço da cúpula atrai as pessoas para o auditório ou leva-os a descer as escadas para o nível mais baixo do prédio. A ligação dos três níveis é feita por uma plataforma vertical que serve como elevador, grande o suficiente para o transporte de maquetes entre os estúdios e os espaços expositivos.

O projeto oferece a faculdade seu primeiro auditório, concebido para proporcionar o máximo de flexibilidade e permitir uma multiplicidade de programas e funções. Dividido em duas partes, a dos assentos fixos na parte inclinada e os assentos móveis sobre a parte plana.

A sua concepção única reforça a flexibilidade do auditório, um exemplo disto são as costas dos assentos que podem dobrar formando um banco contínuo que aumenta a capacidade do auditório. A configuração do banco pode também ser usada para exposições. O auditório pode ainda ser transformado em sala de reuniões, montada com o toque de um botão que implanta 61 assentos automaticamente instalados em baixo do piso elevado que conforma o palco do auditório. Cada um dos assentos podem ser acionados de forma independente, e ainda permitem uma rotação de 360 graus, aumentando ainda mais a flexibilidade do auditório. (FIGURA 35)

Todo envidraçado proporciona uma fronteira permeável entre o espaço acadêmico e o público. Quando é necessário privacidade ou escurecê-lo, uma cortina especialmente projetada veda todo o perímetro do auditório.

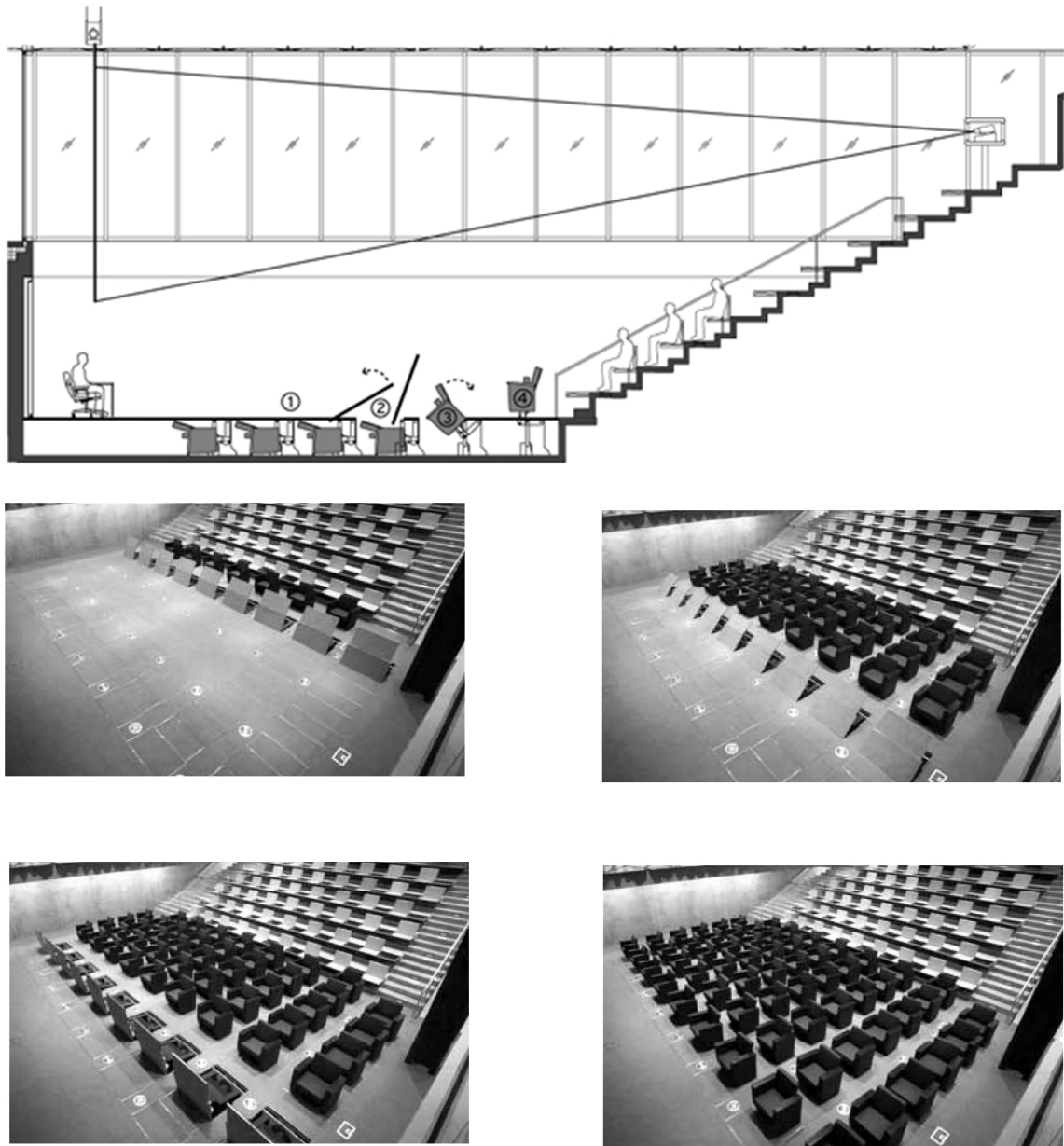


FIGURA 35: Detalhes do auditório.
 Fonte: Archdaily (2011), modificado pelo autor.

A inserção do Milstein Hall entre os edifícios existentes AAP forma uma nova porta de entrada para o extremo norte do campus de Cornell e transforma junto com o recente anexo do Museu de Artes Johnson uma área subutilizada em um novo corredor para as artes, planejamento e arquitetura.

3.2.3 Crítica

Rem Koolhaas mais uma vez trabalha de forma engenhosa o tema da complexidade programática conseguindo um resultado satisfatório.

Com uma proposta polêmica e ousada, típica da sua produção, abre o edifício da AAP para o campus, dando visibilidade para as atividades que ali ocorrem, tanto nos estúdios quanto nas áreas expositivas, o edifício é pura transparência e integração.

A característica mais interessante da produção deste arquiteto, é que a ousadia de seus projetos de maneira alguma é gratuita, no capítulo 3.2.2 pode-se observar que todas as intervenções propostas por Rem Koolhaas tem uma forte argumentação técnica e um porque de ser.

A praça criada sob o volume suspenso cria uma área de interação entre os estudantes do curso de arquitetura com os diversos estudantes do campus. O volume suspenso mesmo sendo extremamente arrojado consegue criar uma relação harmoniosa com todos os elementos do entorno, mostrando todo o cuidado dos arquitetos com a contextualização da obra.

As engenhosas soluções adotadas para os estúdios, áreas expositivas e para o auditório híbrido transcritas no capítulo 3.2.2, serão referências certas no desenvolvimento do projeto na segunda etapa deste trabalho.

3.3 REESTRUTURAÇÃO DA PINACOTECA DO ESTADO – SÃO PAULO, BRASIL – PAULO MENDES DA ROCHA

3.3.1 Dados Gerais

O projeto de intervenção teve início em 1993 quando Paulo Mendes da Rocha, juntamente com os arquitetos Eduardo Colonelli e Welliton Torres e o artista plástico Emanuel Araújo, deram início ao empreendimento de reformar o edifício do antigo Liceu de Artes e Ofícios, um projeto do escritório Ramos de Azevedo construído entre 1897 e 1900, tombado em 1982 pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat), para ali instalar as novas dependências do museu artístico mais antigo de São Paulo.

Esta iniciativa, finalizada em fevereiro de 1998, transformou o então invisível edifício neoclássico, localizado em uma das regiões mais deterioradas da capital paulista, em um dos museus mais modernos do país, capaz de receber exposições internacionais com toda estrutura e competência necessárias. O projeto de reforma foi laureado com o Prêmio Mies van der Rohe em 2000.

A obra, que foi financiada pelo Ministério da Cultura e pelo Governo do Estado de São Paulo, através de sua Secretaria da Cultura, era parte de um projeto de revitalização mais amplo que buscava progressivamente devolver a vida ao Bairro da Luz, transformando-o em um democrático espaço cultural no coração da cidade.

3.3.2 Partido

O objetivo primordial do projeto de reforma da Pinacoteca do Estado foi adequar o edifício do século XIX às atuais necessidades técnicas e funcionais de um grande museu. O prédio foi dotado de toda a infraestrutura necessária, com a construção de um elevador para o transporte de público e de obras; acessibilidade; configuração de espaços para recepção de público; adequação da rede infraestrutura física; ampliação das áreas de exposição; criação de uma reserva técnica e a criação de depósitos, laboratórios de restauro e de uma biblioteca especializada.

A intervenção previu, simultaneamente, consolidar as estruturas em alvenaria portante desgastadas pelo tempo e pela poluição, e agregar valor ao velho edifício a partir da reparação do existente. Para tanto, algumas medidas pontuais

foram necessárias. Sobre os pátios internos e sobre o octógono central, que seria coberto por uma cúpula - nunca construída pelo edifício ter ficado incompleto – foi colocada uma cobertura vítrea levemente pousada sobre a estrutura de alvenaria. Esta ação triplicou os espaços de exposições e providenciou exuberância de luz natural no interior do edifício, enriquecendo a apreciação das obras de arte e da própria arquitetura. As esquadrias que vedavam estes poços foram retiradas, ficando seus vãos abertos de modo a criar transparência e potencializar as perspectivas através dos ambientes, colocando em evidência a bela alvenaria portante do edifício. (FIGURA 36)

Os espaços cobertos pelas claraboias são conectados por um novo eixo de circulação, realizado através de passarelas metálicas. Essa configuração possibilitou uma nova articulação entre todas as funções, trazendo fluidez e dinamismo ao espaço. (FIGURA 37)



FIGURA 36: Vista do octógono central
Fonte: Flickr (2006)



FIGURA 37: Vista do pátio.
Fonte: Vitruvius (2000)

Abaixo do espaço do octógono central, foi colocado um auditório com cerca de 150 lugares destinado a conferências, desfiles, cursos, cinema e outros eventos, tornando o museu um lugar versátil e multifuncional. No pavimento inferior, além do auditório, localizam-se os serviços gerais, reservas técnicas, laboratórios e a cafeteria do museu. No primeiro pavimento, onde se dá o acesso principal ao museu, os principais espaços são reservados às exposições temporárias. No segundo acontecem às exposições permanentes do acervo. (FIGURA 38)

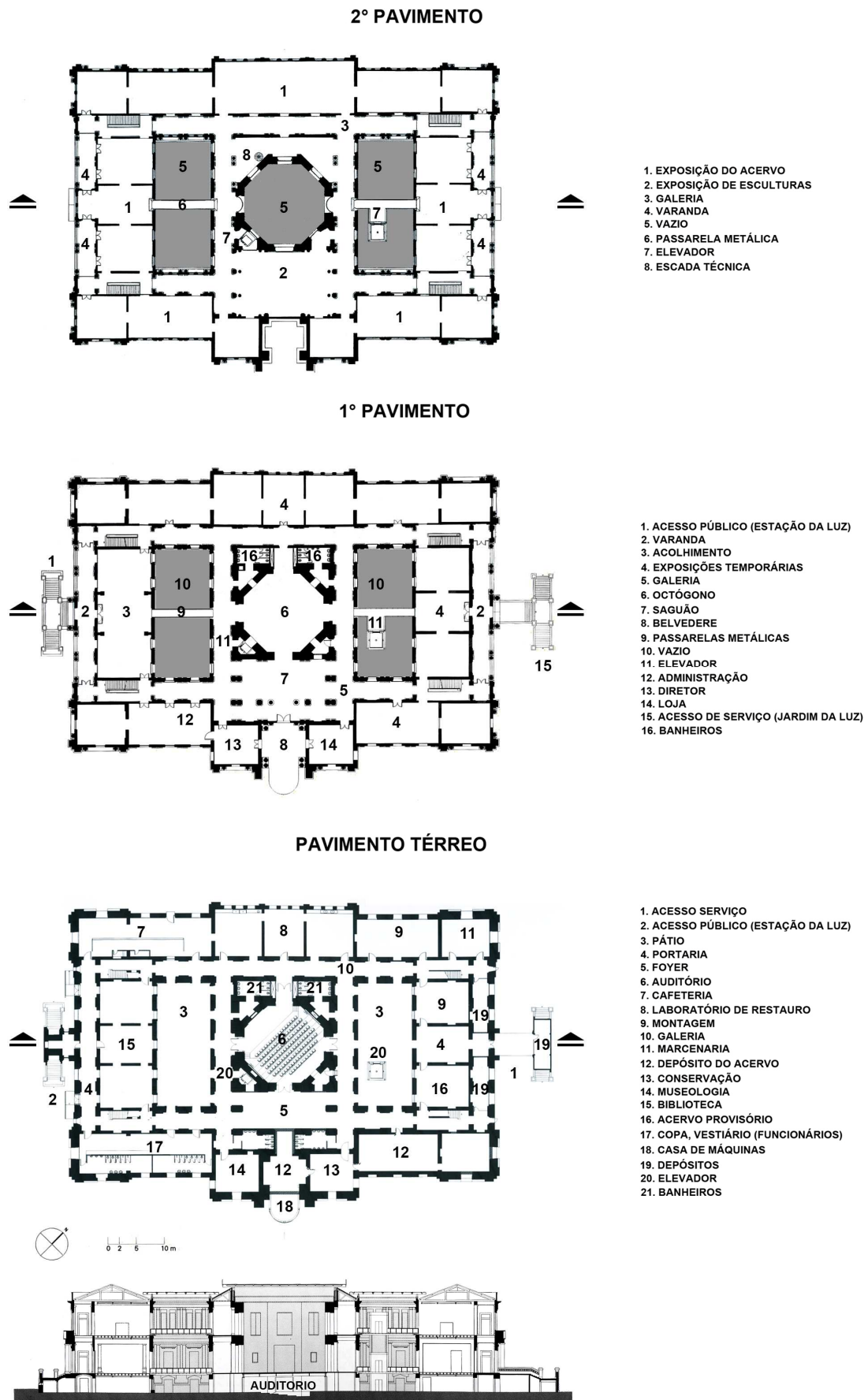


FIGURA 38: Plantas dos pavimentos e corte transversal.
Fonte: Autor (2013)

O acesso principal do edifício foi transferido da Avenida Tiradentes, onde o intenso tráfego e o estrangulamento espacial da avenida prejudicavam o contato do edifício com o contexto urbano, para a Praça da Luz, fazendo frente para a Estação da Luz, que atualmente também abriga o Museu da Língua Portuguesa. Com este novo acesso a fachada perdeu em representatividade, mas certamente ganhou em funcionalidade. A mudança do acesso permitiu a criação de um belvedere metálico colocado onde era a antiga escadaria principal. Este balcão tornou-se um espaço alternativo de exposições, onde as pessoas podem contemplar a espacialidade da cidade. (FIGURA 39)



FIGURA 39: Vista aérea: **A.** Av. Tiradentes; **B.** Belvedere; **C.** Praça da Luz; **D.** Estação da Luz.
Fonte: Wordpress (2010), modificado pelo autor.

Outra intervenção feita pelo arquiteto foi a substituição das esquadrias do pavimento superior da fachada voltada para Avenida Tiradentes por chapas metálicas, criando nichos cegos na fachada principal do edifício. (FIGURA 40)



FIGURA 40: Vista da Fachada da com as esquadrias vedadas com chapa metálica.
Fonte: Goolge Earth (2013)

A construção original foi essencialmente mantida como estrutura. Todas as intervenções propostas foram justapostas e tornadas evidentes. O aço foi o material construtivo adotado nas intervenções, com a intenção de deixar claro o contraponto entre o antigo e o novo, que se amparam de modo dinâmico.

O resultado deste ajuste contemporâneo feito por Paulo Mendes da Rocha no antigo Liceu é uma construção original essencialmente mantida como estrutura onde cerebrais interferências alteram substancialmente a aura do edifício. (MÜLLER, 2000)

3.3.3 Crítica

Distante de um método especializado de intervenção, de caráter preservacionista, tão ao gosto de restauradores e técnicos do Patrimônio, Paulo Mendes da Rocha devolveu com elegância e simplicidade, os valores permanentes da arquitetura do antigo Liceu. Procurando demonstrar como se pode gerar uma obra de arquitetura que parta do essencial da preexistência e, no ponto zero da simplificação, faça uma leitura atenta dos aspectos que o velho conclama para instituir um diálogo simultâneo e necessário com o novo. (MÜLLER, 2000)

Não apenas restaurar, mas criar espaços que abriguem, amparem e expressem hábitos contemporâneos, saber abordar as questões da temporalidade na arquitetura sem ficar amarrado às questões estéticas, éticas e morais de como conjugar dois tempos que, em verdade, não podem ser tomados como coisas diferentes, mas que avançam em seu comprometimento com a realidade a qual pertencem e que devem articular. (MÜLLER, 2000)

4 LEITURA DA REALIDADE

4.1 O CENTRO DE CURITIBA

O Edifício Central da UFPR está localizado no bairro Centro, da regional matriz de Curitiba. O bairro tem área total de 3,29km² e população de 37.283 habitantes, formada principalmente pela faixa etária de 15 a 34 anos. O bairro tem uma taxa de crescimento anual estimada em +0,11, em comparação com +1,83 da cidade de Curitiba. Houve um decréscimo populacional na região central até 2000, nos últimos dez anos de acordo com os dados do IBGE a população teve uma taxa de crescimento de 1,14, contudo, sua taxa de crescimento anual ainda é baixa em relação à da cidade.

O bairro tem um índice de habitantes por domicílio de 2,45, menor que o índice de Curitiba de 3,65, o que pode ser explicado pela maioria da população jovem que mora na região.

Com densidade de 113,08 hab/km², esta densidade, se comparada com a densidade de Curitiba, de 40,54 hab/km² pode ser considerada muito alta, contudo nas áreas mais centrais, a situação é completamente oposta, com uma densidade bem abaixo da média do bairro.

Fisicamente o bairro encontra-se consolidado. Apesar dos problemas sociais e econômicos o centro possui boa oferta de infraestrutura, com serviços básicos como esgoto, abastecimento de água e iluminação pública, que atingem 100% de abrangência em todo seu território. Possui ainda excelente oferta de transporte público. Densamente ocupado por estabelecimentos comerciais e de serviços, pode-se notar que nas regiões próximas dos bairros Rebouças, Jardim Botânico, São Francisco e na área central há uma queda no nível socioeconômico tanto dos moradores quanto do comércio. Outra atividade econômica que vem tomando conta das áreas centrais do bairro é o comércio informal. Na região que faz divisa com os bairros Batel, Água Verde, Bigorrilho e Mercês a situação é diferente, essa faixa é ocupada por edifícios de melhor padrão, assim como o comércio e os serviços. (FIGURA 41)

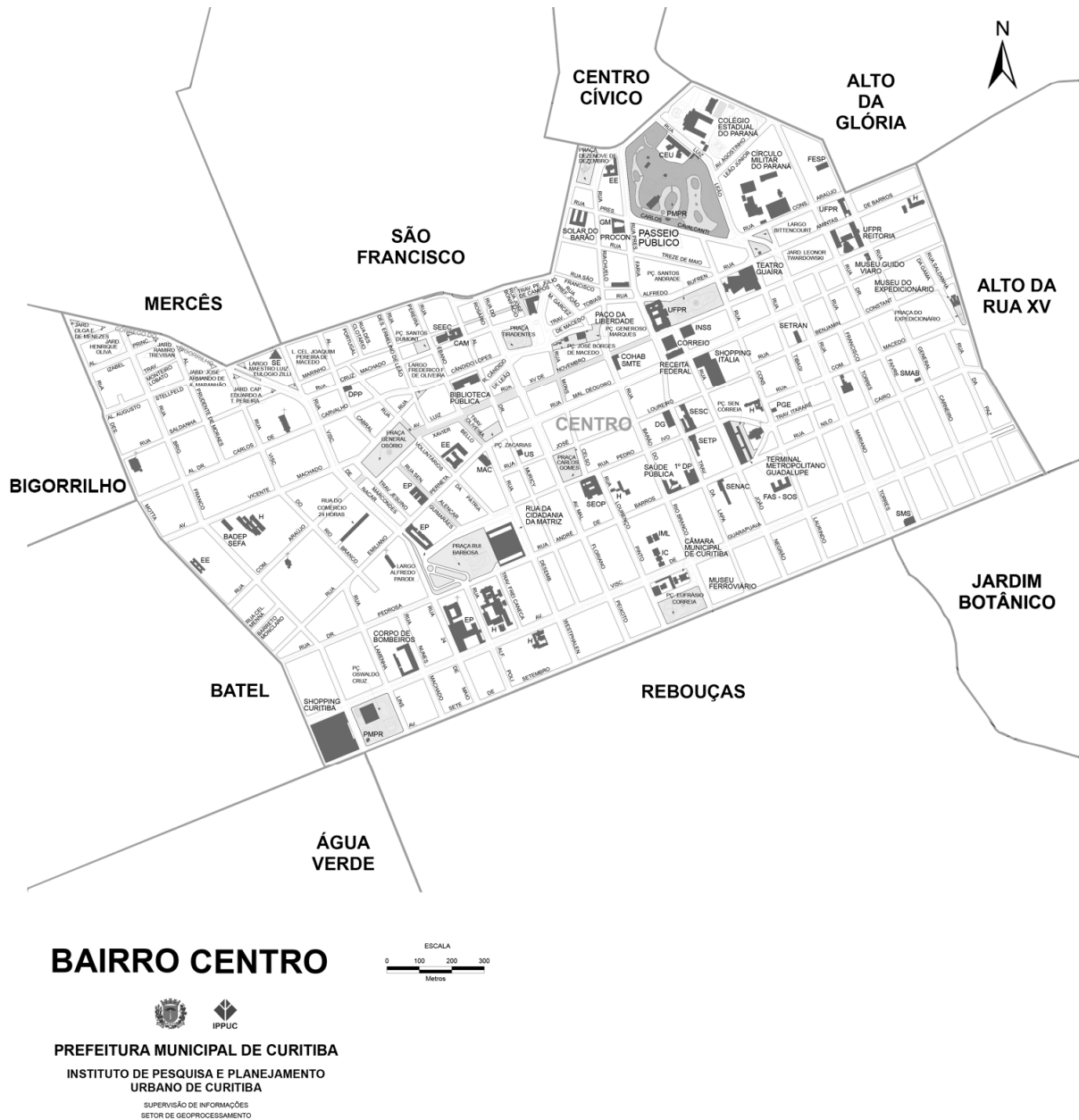


FIGURA 41: Delimitação do bairro Centro
Fonte: IPPUC (2013), modificado pelo autor.

4.2 IMPORTÂNCIA DO LOCAL

A proposta de Refuncionalização e Restauro do Edifício Central irá beneficiar não somente a universidade, mas também a cidade de Curitiba, com uma proposta que visa à dinamização da vida cultural da cidade, permitindo que as atividades culturais tenham na UFPR uma âncora importante.

Situado no coração da capital, a proposta irá juntar-se a outros 15 polos culturais implantados na região. (FIGURA 42)



FIGURA 42: Localização dos espaços culturais na área central da cidade.
Fonte: autor (2013).

O Edifício Central da Universidade, eleito símbolo da cidade em 1999, por toda sua história representa a presença da cultura na cidade, e a certeza de que naquelas instalações o conhecimento estará em permanente evolução e desenvolvimento. Portanto merece um uso de natureza diferenciada.

4.3 TERRENO

O Edifício central situa-se entre as ruas XV de Novembro, Presidente Faria e Alfredo Bufren, mais especificamente, em plena Praça Santos Andrade, ocupando o lado oeste desta em sua totalidade. Com uma área de 11.536 m² a praça tem como elementos principais o Prédio Central da UFPR em uma das extremidades e na outra o Teatro Guaíra, uma das principais casas de espetáculos da cidade. Os dois outros lados da praça são ocupados por edificações de comércio e residência sem maior significado arquitetônico, exceto pelo edifício do Correio velho (FIGURA 43). A vegetação da praça é de pequeno porte, arbustiva, com exceção de alguns pinheiros.

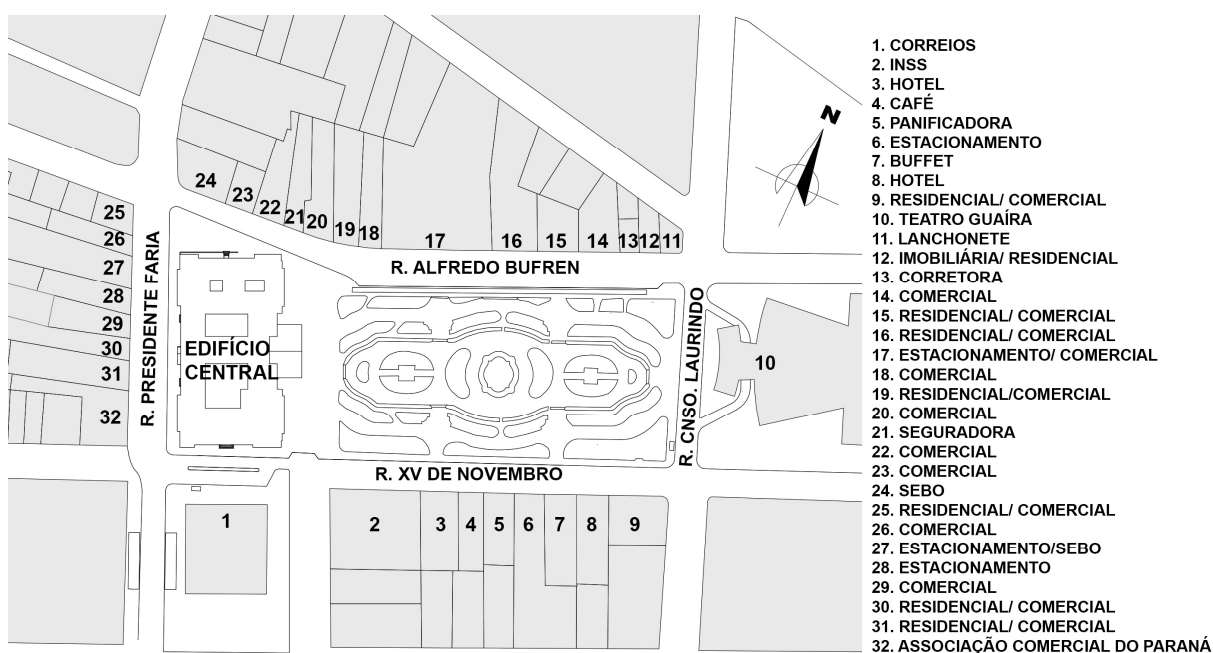


FIGURA 43: Planta de usos.
 Fonte: autor (2013).

A praça também é um dos terminais de ônibus urbanos de Curitiba, pois na mesma encontram-se algumas linhas convencionais da capital e da região metropolitana. Na esquina do Edifício Central está localizada a Estação Tubo Central. Além da grande oferta de transporte público, a praça possui dois pontos de taxi e quatro estacionamentos privados em seu entorno. (FIGURA 44)

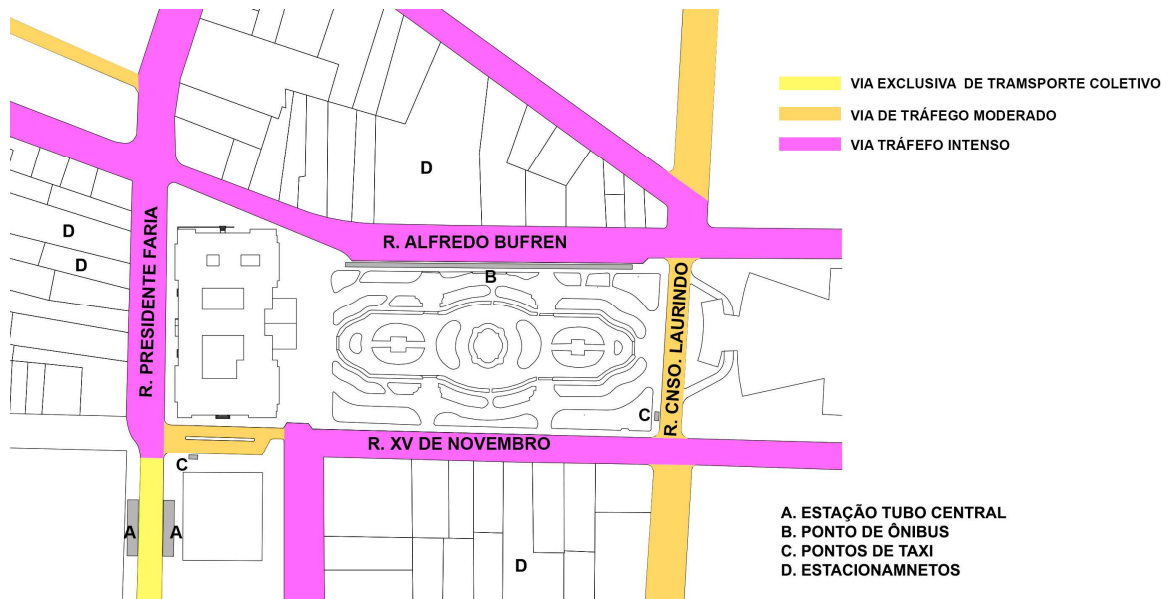


FIGURA 44: Diagrama de tráfego e oferta de transporte público, taxi e estacionamentos no entorno.
Fonte: autor (2013).

O Prédio pode ser acessado pelas quatro fachadas, as entradas mais utilizadas são pela R. XV de Novembro e pela fachada principal voltada para praça. Por ser um edifício público não oferece condições adequadas de acessibilidade que devem atender a NBR 9050 - Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. (FIGURAS 45, 46, 47 e 48)



FIGURA 45: Fachada R. Alfredo Bufren.
Fonte: autor (2012)



FIGURA 46: Fachada R. XV de Novembro.
Fonte: autor (2012).



FIGURA 47: Fachada R. Presidente Faria
Fonte: autor (2012)



FIGURA 48: Fachada Praça Santos Andrade.
Fonte: autor (2012).

A única entrada adaptada para deficientes é a da Presidente Faria, mas que só dá acesso ao escritório modelo do curso de Direito, a fachada principal também possui acesso para deficientes nas laterais da escadaria principal, mas por questões de divisões internas este acesso quase não é utilizado.

Com área total de 17.283,30 m², o Edifício Central abriga atualmente os cursos de direito e psicologia, algumas Pró- Reitorias, as áreas de extensão da instituição e as atividades culturais. (FIGURA 49)



FIGURA 49: Planta de zoneamento do Edifício central.
Fonte: autor (2013).

O edifício está distribuído em cinco pavimentos com alturas variáveis. (FIGURA 50)

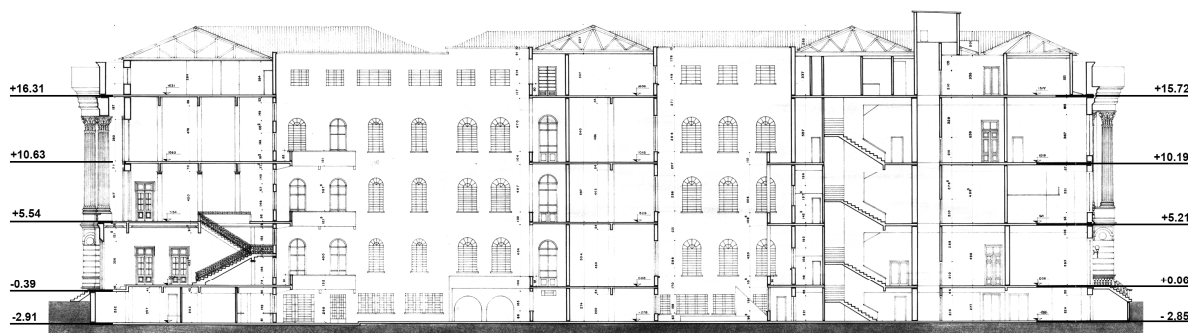


FIGURA 50: Seção Longitudinal do Edifício central.
Fonte: autor (2013).

Internamente, o edifício possui vários problemas e necessita com urgência de uma intervenção. (FIGURA 51 e 52)



FIGURA 51: Vista interna do edifício.
Fonte: autor (2010).

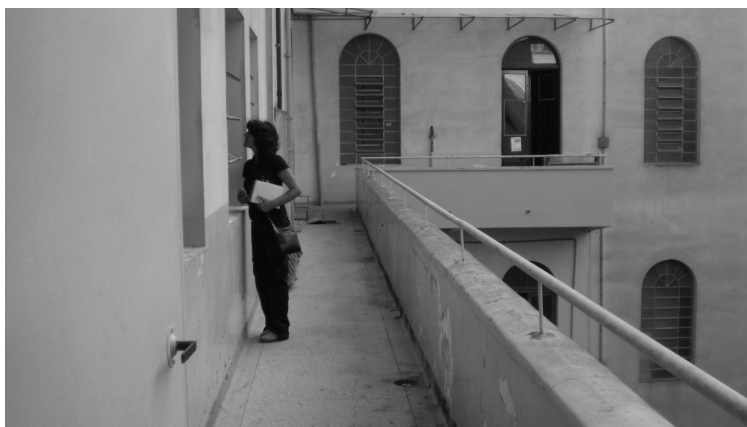


FIGURA 52: Vista interna do pátio .
Fonte: autor (2010).

4.4 CONDICIONANTES LEGAIS

O Edifício Central localiza-se na Zona Central de acordo com a mapa de uso do solo desenvolvido pelo plano diretor de Curitiba (FIGURA 53). Além dos parâmetros de uso e ocupação do solo, as outras condicionantes legais que devem ser levadas em consideração são as referentes ao tombamento da paisagem da Rua XV de Novembro que incide diretamente nas fachadas do edifício, assunto que foi tratado detalhadamente no capítulo 2.2.1 desta monografia.

QUADRO I

ZONA CENTRAL – ZC

PARÂMETROS DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

USOS			OCUPAÇÃO							
PERMITIDOS	TOLERADOS	PERMISSÍVEIS	PORTE (m²)	COEFIC. APROV.	TAXA OCUP. MÁX. (%)	ALTURA MÁXIMA (PAV.)	RECUELO MÍN. ALIN. PREDIAL (m)	TAXA PERMEAB. MÍN. (%)	AFAST. DAS DIVISAS (m)	LOTE MÍN. (Testada x Área)
- Habitação Coletiva - Habitação Institucional - Habitação Transitória 1 e 2 - Comunitário 2 – Lazer e Cultura (1) - Comunitário 2 – Culto Religioso (1) - Comércio e Serviço Vicinal, de Bairro e Setorial (1) (2)	- Habitação Unifamiliar - Comunitário 1	- Comunitário 2 e 3 – Ensino		5	Térreo e 1º pav. = 100% Demais pav. = 66%	Livre	-	(4)	Térreo e 1º pav. = Facultado Demais pav. = 2,00m	11x330
- Indústria Tipo 1 (3)			100m²	-	-	-	-	-	-	-

Observações:

- (1) Proibido estacionamento comercial e da atividade dentro do Anel Central de Tráfego Lento.
- (2) Com exceção de hipermercado.
- (3) Somente alvará de localização em edificações existentes.
- (4) Atendido o § 5º do Art. 42.

FIGURA 53: Legislação-Quadro I.
Fonte: IPPUC (2011).

5 DIRETRIZES DE PROJETO

5.2 DEFINIÇÃO DO PROGRAMA

Com base na análise detalhada do CAU e do Setor Cultural da UFPR realizada respectivamente nos tópicos 2.4 e 2.5, foi possível definir um programa de necessidades preliminar para a segunda etapa deste trabalho, para facilitar o entendimento o programa foi dividido em três categorias: espaços culturais, espaços didáticos e espaços compartilhados. (QUADROS 19, 20, 21 e 22) e (FIGURA 54)

Espaços Culturais

Quadro 19: Programa de necessidades dos Espaços Culturais do edifício.

ATIVIDADES	Nº USUÁRIOS	ÁREA REFERENCIAL	TOTAL
CORO + MADRIGAL			
Sala de Ensaios - utilizada pelo Coro	60	100 m²	
Sala de Ensaios - utilizada pelo Madrigal	21		
Espaço Administrativo	2	15 m²	
Total	83	115 m²	
ORQUESTRA FILARMÔNICA			
Sala de Ensaios Gerais	45	100 m²	
Espaço Administrativo	2	15 m²	
Depósito de instrumentos 1		35 m²	
Depósito de instrumentos 2			
Depósito de instrumentos 3			
Ensaio de cordas 15/45	x	22 m²	
Ensaio de sopro 15/45		22 m²	
Ensaio de percussão 15/45		22 m²	
TOTAL	47	216 m²	
UNIDADE DE DANÇA			
Estúdio de Dança I	120	120m²	
Estúdio de Dança II		120 m²	
Espaço Administrativo	3	20 m²	
Sala de figurino e cenário		30 m²	
Arquivo áudio visual	x	10 m²	
Vestiário feminino	x	25 m²	
Vestiário masculino	x	25 m²	
TOTAL	123	350 m²	
GRUPO DE MPB			
Sala de Ensaio	24	100 m²	

Sala de Estudos Individuais		10 m²	1766 m²
Depósito de instrumentos	1	8 m²	
Espaço Administrativo		17 m²	
TOTAL	25	135 m²	
COMPANHIA DE TEATRO PalavrAção			
Sala de Ensaio I	13	139 m²	
Sala de apoio	2	20 m²	
Figurino		16 m²	
Espaço Administrativo		10 m²	
TOTAL	15	185 m²	
MUSA			
Sala de Exposições	3	276 m²	
Recepção		24 m²	
Reserva técnica		38 m²	
TOTAL	3	338 m²	
TEUNI			
Palco		150 m²	
Platéia	85		
Área técnica - Luz/Som	1	75 m²	
Camarins		50 m²	
TOTAL	86	275 m²	
COORDENADORIA DE CULTURA + FESTIVAL DE INVERNO			
Coordenadoria de Cultura	6	120 m²	
Almoxarifado		32 m²	
TOTAL	6	152 m²	

Fonte: Autor (2013)

Espaços Didáticos

Quadro 20: Programa de necessidades dos Espaços Didáticos do edifício.

ATIVIDADES	Nº USUÁRIOS	ÁREA REFERENCIAL	TOTAL
ATELIERS			
Atelier 01	30	130m²	
Atelier 02	30	130m²	
Atelier 03	30	130m²	
Atelier 04	30	130m²	
Atelier 05	30	130m²	
Atelier 06	30	130 m²	
Total	300	780m²	
SALAS DE AULA			
Sala 01	30	80m²	
Sala 02	30	80m²	
Sala 03	30	80m²	

Sala 04	30	80m²
Sala 05	30	80m²
Total	300	400m²
LABORATÓRIOS		
Laboratório Conforto Ambiental	30	80m²
LTHAU	1	42m²
Laboratório de Madeira	300	100m²
Maquetaria		
Laboratório de Projeto	1	28m²
LAHURB	14	88m²
Laboratório Computação	60	100m²
CIEG - recepção	45	145m²
Total	300	583m²
GABINETES		
Gabinete de Conforto Ambinetal	1	10m²
Gabinete Arquitetura Brasileira e Patrimônio	1	15m²
Gabinete de Teoria da Arquitetura	2	15m²
Gabinete Desenho Urbano	3	23m²
Gabinete PUR	2	15m²
Gabinete de Tecnologia	3	23m²
Gabinete Projeto 1º ano	3	23m²
Gabinete Projeto 2º ano	3	23m²
Gabinete Projeto 3º ano	3	23m²
Gabinete Projeto 4º ano	3	23m²
Gabinete Projetos Especiais	3	23m²
Gabinete de Paisagismo	2	15m²
Total	29	231m²
DEPARTAMENTO/SECRETARIA		
Secretaria	2	40m²
Sala da Coordenação e do Departamento	2	100m²
Total	4	140m²
CENTRO ACADÊMICO		
Centro Acadêmico	300	70m²
Total	300	70m²

2204 m²

Fonte: Autor (2013)

Espaços Compartilhados

Quadro 21: Programa de necessidades dos Espaços Compartilhados do edifício.

ATIVIDADES	Nº USUÁRIOS	ÁREA REFERENCIAL	TOTAL
TEATRO			
Hall		80 m²	
Bilheteria	2	20 m²	
Chapelaria			
Palco	45	150 m²	

Platéia	300	300 m²
Camarins	45	60 m²
I.S. masculino		25 m²
I.S. feminino		25 m²
Depósito		100 m²
Total	300	760 m²
BIBLIOTECA		
Acervo Comum Arquitetura		200 m lineares
Acervo Periódicos Arquitetura		200 m lineares
Acervo Centro Cultural		1000 m lineares
Administração	6	45 m²
Restauro	1	40 m²
Recepção	3	20 m²
Guarda-volumes	300	45 m²
Áreas de leitura		250m²
Cabines p/ leitura individual		50 m²
Total	300	700 m²
ÁREAS TÉCNICAS		
Escadas enclausuradas	6 escadas	1500 m²
Instalações sanitárias	2 prumadas por andar	500 m²
Elevadores	2 baterias por andar	40 m²
Estacionamento / Carga e descarga		4000 m²
Total		6040 m²

7500 m²

Fonte: Autor (2013)

Quadro 22: Área total.

ESPAÇOS	ÁREA
ESPAÇOS CULTURAIS	1766 m ²
ESPAÇOS ACADÊMICOS	2204 m ²
ESPAÇOS COMPARTILHADOS	7500 m ²
TOTAL PARCIAL	11470 m ²
CIRCULAÇÃO (30%)	3441 m ²
TOTAL	14911 m ²

Fonte: Autor (2013)



FIGURA 54: Proposta de Zoneamento.

Fonte: autor (2013).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANUÁRIO DA UNIVERSIDADE DO PARANÁ.** Curitiba: UFPR, 1954.
- ANUÁRIO DA UNIVERSIDADE DO PARANÁ.** Curitiba: UFPR, 1956.
- ARTIGAS, R. (Org.). **Paulo Mendes da Rocha.** São Paulo: Cosac & Naify, 2000.
- BOSCHILIA, R. **A Rua XV e o comércio do início do século.** In: Boletim da Casa Romário Martins, Curitiba, 1996. v. 23, n.113.
- BRUAND, Y. **Arquitetura contemporânea no Brasil.** 2ª São Paulo, Brasil: Editora Perspectiva, 1991. Tradução ana. m. goldberger.
- BURMESTER, A. M. de O.; FARACO, C. A.; MOREIRA JR, C. A.; CASTRO, C.; IMAGUIRE, K.; RIBEIRO, R. J. **UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ: 90 anos em construção.** Curitiba: Editora Ufpr, 2002.
- CARNEIRO, D. **Educação, Universidade e história da primeira universidade do Brasil.** Curitiba: Imprensa da Universidade Federal do Paraná, 1971.
- CASIMIRO, R. C. **Palco Universidade:** Casa de Cultura da UFPR. Curitiba: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFPR, 2007. Tese (Graduação)
- CHIESA, P. **O desenho como desígnio:** por uma ética do risco. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2001. Tese (Doutorado).
- COMAS, C. E. D. **Precisões Brasileiras.** Sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos a partir dos projetos e obras de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Jorge Moreira & CIA., 1936-1945. Tese de Doutorado pela Universidade de Paris, 2002
- GA DOCUMENT EXTRA 04: **Christian de Portzamparc.** Tokio-Japan: A.D.A EDITA, julho. 1995.
- GNOATO, L. S. **Arquitetura e Urbanismo de Curitiba.** Transformações do Movimento Moderno. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2002. Tese (Doutorado).
- GONÇALVES JUNIOR, A. J. **Universidade Federal do Paraná:** um edifício e sua história. In: Boletim da Casa Romário Martins, Curitiba, 1997. v. 24, n. 122.
- PACHECO, P. C. B. **A arquitetura do Grupo do Paraná: 1957-1980.** Porto Alegre: Faculdade de Arquitetura da UFRGS, PROPAR. 2011. Tese (Doutorado).
- PILOTO, V. **Universidade Federal do Paraná: primórdios, modernização, vitórias.** Curitiba, 1976.

REVISTA TÉCNICA. Curitiba: DAEP, 1943-1949.

SARAIVA, J. H. **A Memória das Cidades.** CTT Correios de Portugal, 1999.

SEGAWA, H. M. **Arquiteturas no Brasil – 1900/1990.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

WACHOWICZ, R. C. **Universidade do mate: história da UFPR.** Curitiba: APUFPR, 1983.

UFPR. **Estudo Preliminar de Arquitetura.** Curitiba: Plano Diretor UFPR, 2010.

REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS

ARCHDAILY. **Milstein Hall at Cornell University/ OMA.** Archdaily, 2011. Disponível em: < <http://www.archdaily.com/179854/milstein-hall-at-cornell-university-oma-2/>> . Acessado em 07/03/2013.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Texto consolidado até a Emenda Constitucional nº 70 de 29 de março de 2012. Senado Federal. Disponível em:

<http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_29.03.2012/CON1988.pdf> . Acesso em: 08/02/2013.

CULTURA, Secretario de Estado LYRA, C. I. C. de O.; PARCHE, R. C. A.; LA PASTINA, J. **Espiraís do Tempo: Bens tombados do Paraná.** Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2006. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/arquivos/File/BIBLIOGRAFIACPC/ESPIRAIS/ctb4.pdf>> . Acesso em: 08/02/2013.

GUSTAVOT, D. **CORREDOR CULTURAL: OUTRAS ABRANGÊNCIAS.** Wordpress, 2011. Disponível em: <<http://corredorculturaldebate.files.wordpress.com/2011/01/corredor-cultural-outras-abrangencias-gustavot-diaz.pdf>> . Acessado em 07/02/2013

MÜLLER, F. **Velha e Nova Pinacoteca:** de espaço a lugar. Vitruvius, 2000. Disponível em: < <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.007/951>> . Acessado em 03/03/2013.

MI MOLESKINE ARQUITETÓNICO. **Portzamparc:** La Cité de la Musique, París. Blogspot, 2009. Disponível em: <<http://moleskinearquitectonico.blogspot.com.br/2009/01/portzamparc-la-cite-de-la-musique.html>> . Acesso em: 05/02/2013.

SESSÃO DO CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, 2010, Curitiba. **Projeto Corredor Cultural UFPR**. Curitiba: UFPR, 2010. Disponível em: <www.ufpr.br/soc/descarregar_arquivo_ata.php?cod_ata=390>. Acesso em: 05/02/2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. **Coordenadoria de Cultura da UFPR**. 2009. Disponível em: <<http://www.proec.ufpr.br/links/cultura.htm>>. Acessado em: 14/02/2013.

REFERÊNCIAS DE IMAGENS

ARCOWEB. **OMA:** Edifício Universitário. Disponível em: <<http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/oma-edificio-universitario-nova-york-05-12-2012.html>>. Acessado em: 09/03/2013.

CITÉ DE LA MUSIQUE. Disponível em: <<http://www.citedelamusique.fr/francais/>>. Acessado em: 05/03/2013.

FLICKR. **Pinacoteca de São Paulo**. Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/47333265@N00/2287947115/>>. Acessado em: 05/03/2013.

FLICKR. **Prédio Histórico**. Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/ufpr/8404295259/in/set-72157632187097112>>. Acessado em: 03/01/2013.

GOOGLE EARTH. **Pinacoteca do Estado**. Acessado em: 05/03/2013.

IPPUC. Disponível em: <<http://www.ippuc.org.br/default.php>>. Acessado em: 09/03/2013.

IPPUC. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/multimidia/00084665.pdf>>. Acessado em: 11/03/2013.

VITRUVIUS. **Autenticidade e Rudimento:** Paulo Mendes da Rocha e as intervenções em edifícios existentes. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.001/1006>>. Acessado em: 05/03/2012.

WORDPRESS. **Pinacoteca do Estado**. Disponível em: <<http://teoriacritica13ufu.wordpress.com/2010/12/17/pinacoteca-do-estado-de-sao-paulo/>>. Acessado em: 05/03/2013.